

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



REPRESENTAÇÕES DO *SELF* E DA FAMÍLIA

Estudo comparativo em crianças em contexto familiar normativo e em
contexto familiar de vulnerabilidade

Maria Rita Canêlhas da Fonseca

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental
e Integrativa)**

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



REPRESENTAÇÕES DO SELF E DA FAMÍLIA

Estudo comparativo em crianças em contexto familiar normativo e em
contexto familiar de vulnerabilidade

Maria Rita Canêlhas da Fonseca

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rosa Novo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental
e Integrativa)**

2014

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Rosa Novo, por toda a disponibilidade, paciência, exigência e dedicação ao longo deste trabalho.

À Dra. Andreia Baptista por toda a ajuda.

Ao Projeto Solidariedade Salesiana (Solsal) pela colaboração neste estudo.

Aos meus amigos que me apoiaram e incentivaram ao longo deste percurso.

Às “Britinhas” pela amizade de todos os dias que não vacila!

Ao Tiago por todo o apoio e por não me deixar duvidar de mim.

À minha família, aos meus Pais, à Joana, ao Pedro e à Isabelinha, por me ajudarem a crescer e me incentivarem a ser melhor.

A todas as crianças que participaram neste estudo o meu muito obrigado!

RESUMO

Os primeiros anos de vida e as experiências vividas ao longo da infância em diversos contextos, ainda que não sejam deterministas, têm um papel fundamental no desenvolvimento, influenciando as representações das crianças sobre si próprias, sobre os outros e sobre o mundo, e, conseqüentemente, condicionando os seus padrões de adaptação à realidade que vivenciam. O contexto familiar é entendido como uma matriz primordial para a saúde e o desenvolvimento das crianças, constituindo uma fonte direta e duradoura de influência, que permite a aprendizagem de dimensões fundamentais da relação com o outro, como a linguagem, a comunicação, a empatia, a expressão de afetos, a confiança e a intimidade. As famílias em que predomina uma forte disfuncionalidade constituem um contexto de vulnerabilidade, dados os inúmeros fatores de risco associados que podem conduzir a situações de perigo.

O presente estudo visa analisar e comparar Representações do *Self* e da Família de crianças que vivem em contexto familiar de vulnerabilidade ($N = 13$) e em contexto familiar normativo ($N = 13$). Recorreu-se a metodologias qualitativas clínicas, designadamente metodologias de construção de narrativas (*Family Apperception Test* de Sotile, W., Julian III, A., Henry, S. & Sotile, M., 1999) e de produção gráfica (*Teste do Desenho da Família* de Corman, 1982).

As crianças da amostra de contexto de vulnerabilidade apresentaram maior dificuldade na representação do *Self* e da Família. A representação de *Self* não se evidenciou como equilibrada e satisfatória, tendo sido marcada pela dificuldade em falar de si, em fazer uma avaliação positiva do próprio e com predomínio de atributos psicológicos negativos assim como avaliações por parte de terceiros também negativas. A representação de Família das crianças em contexto de vulnerabilidade foi marcada pela dificuldade em elaborar conflitos e respetiva resolução, sendo que evidenciou sinais de desconforto e de sofrimento psicológico.

Por fim, são refletidas as limitações do presente estudo, implicações para o contexto clínico, e sugeridas pistas para a continuidade da investigação nesta temática.

Palavras-chave: representações de *Self*; representações de Família; crianças em contexto de Vulnerabilidade; *Teste do Desenho de Família*; *Family Apperception Test*.

ABSTRACT

The first years of life and the lived experiences through childhood in various contexts, even though not deterministic, have a fundamental role on the child development, influencing the way children see themselves, the others and the world and, consequently, conditioning their adaptation patterns to the reality that they experience. The familiar context is understood has a primordial matrix to children's development and health, being a direct and lasting source of influence, that enables them to learn the fundamental dimensions of the relation with others, the language, the communication, the empathy, the expression of affection, the trust and the intimacy. Families where a significant dysfunctionality predominates might be a context of vulnerability, given the amount of associated risk factors that can drive to danger situations.

This study aims to analyze and compare Self and Family representations of children who live in vulnerability familiar contexts (N = 13) with children who live in normative familiar contexts (N = 13). There was recourse to clinical qualitative methodologies, namely narrative construction methodology (Family Apperception Test of Sotile, W., Julian III, A., Henry, S. & Sotile, M., 1999) and of graphic production (Family Drawing Test of Corman, 1982).

Children from the sample of vulnerability context presented a greater difficulty in Self and Family representations. The Self representation did not show to be equilibrated and satisfactory, being marked for the difficulty in talking about themselves, in doing a positive self-evaluation and with the predominance of negative psychological attributes as well as third-party negative evaluations. Family representation of vulnerability context children was marked by the difficulty in elaborating conflicts and the respective solution, therefore evidencing signs discomfort and psychological suffering.

Lastly, the limitation of this study and the implications to the clinical context are discussed, and insights for further investigations on this subject are suggested.

Keywords: Self representations, Family representations, children in vulnerability context, Family drawing test, Family Apperception Test

ÍNDICE

Introdução

1. Enquadramento Teórico	2
1.1. Desenvolvimento Psicológico na Infância	2
1.2. Representações do <i>Self</i>	2
1.3. A Família como Matriz do Desenvolvimento Psicossocial.....	4
1.4. Contextos Familiares de Risco e de Vulnerabilidade.....	6
1.5. Representações de Família	7
2. Metodologia.....	11
2.1 Desenho da Investigação	11
2.2 Questão Inicial.....	11
2.3 Mapa de Investigação	12
2.4 Participantes	12
2.5 Instrumentos	14
<i>The Family Apperception Test</i>	15
<i>Teste do Desenho da Família</i>	16
2.6 Procedimentos de Recolha de Dados	17
2.7 Procedimentos de Análise de Dados	18
3. Resultados.....	23
4. Discussão	48
5. Reflexões Finais	56
Referências	59

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Características demográficas dos participantes por grupo	13
Tabela 2 - Categorias de análise do <i>Family Apperception Test</i> usadas no estudo	19
Tabela 3 - Categorias de análise do Desenho da Família usadas no estudo	21
Tabela 4 – Tendência ‘Conflito Aparente’ nas amostras CN e CV	23
Tabela 5 - Tendência da ‘Resolução de Conflito’ nas amostras CN e CV.....	25
Tabela 6 - Categoria ‘Qualidade das Relações’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva	26
Tabela 7- Tendência das ‘Fronteiras’ nas Amostras CN e CV.....	28
Tabela 8- Tendência da ‘Regulação Parental’ e da ‘Aceitação’ nas amostras CN e CV	29
Tabela 9 - Tendência do ‘Clima Relacional’ nas amostras CN e CV	30
Tabela 10 - Tendência de ‘Maus Tratos’ nas amostras CN e CV	31
Tabela 11 - Tendência de ‘Respostas Invulgares’ nas amostras CN e CV.....	31
Tabela 12 - Categoria ‘Tonalidade Emocional’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva	32
Tabela 13 - Tendência da ‘Comunicação Verbal’ nas amostras CN e CV.....	33
Tabela 14 - Categoria ‘Hierarquia Familiar’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva.	33
Tabela 15 - Categoria ‘Legibilidade da História’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva	34
Tabela 16 - Frequência das categorias do ‘Desenho’ na amostra CN e CV.....	37
Tabela 17 - Frequência das Categorias da ‘Narrativa’ na amostra CN e CV.....	40
Tabela 18 - Frequência dos ‘Sinais Críticos’ nas amostras CN e CV	41
Tabela 19 - Frequência das Categorias de ‘Apreciação Global’ nas amostras CN e CV	43

Apêndices

Apêndice A – Desenho da Família (Questionamento)

Apêndice B – Pedido de Colaboração no Estudo

Apêndice C – Consentimento Informado

Apêndice D – Family Apperception Test (Categorias Complementares utilizadas na Investigação)

Apêndice E – Desenho da Família (Folha de Cotação)

Anexos

Anexo A – Apresentação dos Resultados Discriminados

Introdução

Os primeiros anos de vida e as experiências vividas ao longo da infância condicionam inevitavelmente as trajetórias de vida, uma vez que têm um papel ativo na construção das representações das crianças sobre si próprias, sobre os outros e sobre o mundo que as rodeia (Levy, Blatt, & Shaver, 1998; Sroufe, Coffino, & Carlson, 2010). Por sua vez, estas representações influenciam fortemente o desenvolvimento das crianças e os seus padrões de adaptação às realidades que vão vivenciando ao longo do tempo (Carlson & Egeland, 2004).

O contexto familiar, indissociável do estabelecimento de relações de vinculação, destaca-se como matriz principal do desenvolvimento e ajustamento individual e social (Aldgate & Jones, 2006; Howe, 2005; Moos & Moos, 1983 cit. por Vianna, Silva, & Souza-Formigoni, 2007), uma vez que, pela sua natureza permanente e duradoura, constitui, regra geral, a influência mais direta na construção das representações das crianças. Neste sentido, o estudo das representações de família reveste-se de especial importância.

O presente estudo foi delineado com o objetivo de analisar e comparar Representações do *Self* e da Família de crianças que vivem em contexto familiar de vulnerabilidade e em contexto familiar normativo. Pretende-se, assim, contribuir, ainda que modestamente, para o conhecimento empírico no que se refere à relação entre contextos normativos vs. contextos de vulnerabilidade e as representações das crianças sobre *Self* e Família, bem como possíveis indicadores da sua influência no desenvolvimento e adaptação psicológica das crianças.

Esta dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo – *Enquadramento Teórico* – são refletidos os principais temas em estudo a partir da revisão de literatura efetuada. O segundo capítulo – *Metodologia* – corresponde à descrição do processo metodológico, a questão inicial, o mapa conceitual, os objetivos gerais e específicos, a seleção e caracterização da amostra, os instrumentos e os procedimentos utilizados para a recolha e análise dos dados. O terceiro capítulo – *Resultados* – consiste na apresentação dos resultados. No quarto capítulo – *Discussão* – os resultados obtidos são discutidos. Por fim, num último capítulo – *Reflexões Finais* – apresentam-se as principais conclusões, bem como limites do estudo, implicações práticas e sugestões para futuras investigações.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Desenvolvimento Psicológico na Infância

Os primeiros anos de vida e as experiências vividas ao longo da infância são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. Do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, cada indivíduo é influenciado por uma complexidade de fatores, pessoas e contextos que o rodeiam, ao longo de toda a vida. Contudo, as adaptações iniciais que ocorrem desde o nascimento e durante a infância tornam-se o ponto de partida para as trajetórias de vida que se seguem, enquadrando a forma como as novas experiências são vividas (Sroufe, Coffino, & Carlson, 2010).

Também Bowlby (1973) salienta a importância das várias etapas do desenvolvimento e considera que este ocorre num percurso dinâmico, com uma influência constante das experiências vividas no passado nas experiências futuras. As experiências dos primeiros anos de vida, designadamente as estabelecidas no âmbito das relações intersubjetivas, são fundamentais ao desenvolvimento psíquico. As experiências precoces são internalizadas e vão estruturar a experiência posterior. Segundo Carlson e Egeland (2004), *“Os indivíduos participam ativamente no processo de construção de experiências congruentes com a sua história de relacionamento, interpretando e selecionando experiências e comportando-se de formas que são consistentes com as experiências precoces”* (pág. 75).

As experiências precoces vão, assim, influenciar o modo das crianças entenderem o mundo, de se construírem a si próprias e de desenvolverem expectativas sobre os outros. As representações do próprio e do mundo à sua volta vão influenciar os padrões de adaptação das crianças desde o início do seu desenvolvimento e posteriormente face a ambientes subsequentes (Carlson & Egeland, 2004). Esta influência é dinâmica e admite que as experiências posteriores possam alterar as representações do passado e dar aos indivíduos novos quadros conceptuais para experiências futuras (Sroufe, Coffino & Carlson, 2010). Concluindo, a experiência precoce não é determinista, mas tem um papel ativo, fazendo sempre parte integrante do quadro de desenvolvimento.

1.2. Representações do Self

Os autores da teoria da vinculação defendem a ideia de que a criança, à medida que se desenvolve e experiencia a forma como o principal cuidador responde aos comportamentos de vinculação, começa a processar estas experiências a um nível cognitivo e a formar representações mentais de si própria, dos outros e das relações

(Bowlby, 1973). Estas representações, denominadas *internal working models* (modelos de funcionamento interno), dizem respeito às memórias, às experiências, aos sentimentos e aos conhecimentos que a criança forma sobre o que habitualmente acontece nas relações, principalmente com as figuras de vinculação (Aldgate & Jones, 2006; Howe, 2005). Estes modelos são essenciais para compreender as situações, prever o futuro, planejar as ações e acima de tudo porque dão consistência às contínuas percepções da criança sobre si própria e sobre o seu mundo.

À medida que a criança se desenvolve, a representação de si vai-se diferenciando progressivamente da representação dos cuidadores e ganhando novas qualidades, nomeadamente a capacidade de pensar as emoções e de modelar as reações emocionais (Skowron, Kozlowski & Pincus, 2010). A representação de si está também intrinsecamente relacionada com a memória autobiográfica (Carmody, 2012) e é fundamental à construção da identidade. Esta representação é ainda fundamental para o desenvolvimento do comportamento social e das competências relacionais (Levy, Blatt & Shaver, 1998; Erikson, 1968).

A diferenciação bem sucedida do *Self* inicia-se no contexto das relações de vinculação, na família nuclear, e vai-se progressivamente alargando com as experiências relacionais mais significativas (Carmody, 2012). A cognição social sugere que a representação cognitiva de si se desenvolve e individualiza da representação dos pais na infância e na adolescência, à medida que a capacidade cognitiva e as experiências interpessoais aumentam (Baldwin, 1895; Blos, 1979; Damon & Hart, 1988; Erikson, 1968; Harter, 2003, cit in Ray, 2009). As teorias da construção social da representação do *Self* sugerem que, à medida que o processamento da informação social aumenta, entre os 6 e os 11 anos de idade, as representações do *Self* e as representações sociais dos outros vão-se tornando mais complexas (Damon & Hart, 1988; Harter, 2003; Rosenberg, 1979, cit in Ray, 2009).

Tendo em conta que as representações do *Self* resultam da integração das experiências vividas desde o início da vida, estas moldam, positiva ou negativamente, as representações que a criança vai construindo de si mesma (Levy, Blatt & Shaver, 1998). Por exemplo, diversos estudos têm concluído que as crianças sujeitas a maus tratos na infância desenvolvem padrões muito inseguros de vinculação, constroem modelos distorcidos do *Self* e percebem os outros como indisponíveis e rejeitantes (Carlson et al., 1989; Crittenden, 1988 cit in Benavente, Justo & Veríssimo, 2009). Podemos encontrar na literatura diferentes exemplos da forma como a experiência precoce exerce

a sua influência na experiência posterior. Estudos indicam que crianças que tinham sofrido de maus tratos, vêm a apresentar narrativas, em idade pré-escolar e idade escolar, que, comparadas com crianças que não tinham sido maltratadas, evidenciaram representações mais negativas do *Self* e dos cuidadores (Toth, Cicchetti, Macfie, & Emde, 1997; Toth, Cicchetti, Macfie, Maughan, & Vanmeenen, 2000) ou mesmo dissociação do *Self* (Macfie, Cicchetti, & Toth, 2001).

As experiências iniciais de vida são, assim, decisivas e influenciam as representações que a criança tem de si, da família e do mundo à sua volta. Como vimos, o indivíduo constrói progressivamente representações mentais através de conhecimentos e expectativas em relação à figura de vinculação (Soares, 2007). É com as figuras de vinculação que se estabelecem as relações afetivas significativas que têm um papel estruturante de formação do *Self* e do seu desenvolvimento.

1.3. A Família como Matriz do Desenvolvimento Psicossocial

O desenvolvimento saudável pressupõe a satisfação de necessidades que vão permitir o desenvolvimento e a adaptação aos diversos ambientes em que cada um vive. Dado que na infância ainda não estão desenvolvidas todas as competências necessárias para, de forma autónoma e independente, satisfazer as necessidades fundamentais a um desenvolvimento harmonioso, tal está dependente das capacidades parentais.

O *Framework for the Assessment of Children in Need and their Families* (Department for Education and Employment and Home Office, 2000) define um conjunto de dimensões fundamentais para a saúde e desenvolvimento da criança: *Saúde; Educação; Desenvolvimento Emocional e Comportamental; Identidade; Relacionamentos Sociais e Familiares; Apresentação Social; e Competências de auto-cuidado.*

Dentro deste conjunto de necessidades de desenvolvimento importa destacar aquelas que estão mais relacionadas com a perceção do *Self* e com a importância da perceção de família na construção do *Self*, sendo elas a *Identidade* e as *Relações Familiares e Sociais*. Estas duas necessidades de desenvolvimento estão relacionadas com a estimulação familiar e com os fatores ambientais. Deste modo, a *Identidade* é construída progressivamente, a partir da integração de experiências relacionais que configuram as representações do *Self*. Estas representações incluem a perceção que a criança tem de si e das suas capacidades, a autoimagem, a autoestima, e o sentido da individualidade. Vários fatores, dos demográficos aos sociais, económicos e culturais,

influenciam e contribuem para a construção do sentimento e das representações de *Self*, contudo, os sentimentos de pertença e de aceitação por parte da família, grupo de pares e sociedade em geral, são fundamentais.

As *Relações Familiares e Sociais* são indispensáveis à vivência de relações afetivas estáveis com os pais ou outros prestadores de cuidados, de bons relacionamentos com os irmãos e de relações de amizade apropriadas para a idade com os pares ou com outras pessoas significativas. Estas *Relações* são indispensáveis ao estabelecimento de relações intersubjectivas e ao desenvolvimento de capacidades empáticas.

A família é o espaço primordial de relação do bebé com o mundo e continua, ao longo da infância, a ser aquele que maior e mais direta influência exerce. A família é um espaço que permite a elaboração e a aprendizagem de dimensões fundamentais da relação com o outro, como a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais, sendo também um espaço onde são vivenciadas as primeiras e mais significativas relações afetivas.

Apesar de constituída por entidades individuais, é possível olhar para a família como um sistema. Como sistema, a família: 1) é composta por objetos e respetivos atributos e relações, 2) contém subsistemas e é contida por diversos outros sistemas, ou supra-sistemas, todos eles ligados de forma hierarquicamente organizada e 3) possui limites ou fronteiras que a distinguem do seu meio (Alarcão, 2006). Assim, apesar da família ser um conjunto de pessoas, ela não é redutível a cada um dos seus elementos e deve ser vista como um todo.

Neste sentido, a compreensão do funcionamento de qualquer indivíduo exige a análise do seu comportamento integrando-o no funcionamento familiar. Existe, no domínio da psicologia da família, o corolário da impossibilidade de estabelecimento de relações unilaterais, i.e., o comportamento de cada um dos seus membros é indissociável do comportamento dos restantes e aquilo que lhe acontece afeta a família no seu conjunto, tanto ao nível dos indivíduos como das relações do sistema (Alarcão, 2006).

Independentemente das características da família, a criança necessita de ser cuidada e amada por ela. Quando se trata de famílias multiproblemáticas – famílias com modos de ser e de se relacionar associados a problemas que afetam amplamente o seu modo de funcionamento, qualitativa ou quantitativamente – o desempenho das funções parentais pode estar comprometido. Nesse caso, as necessidades básicas de desenvolvimento das

crianças correm riscos de não ser satisfeitas, o que terá repercussões no seu equilíbrio adaptativo e desenvolvimento.

1.4. Contextos Familiares de Risco e de Vulnerabilidade

A vivência de situações de adversidade desencadeia nos indivíduos diferentes respostas, que podem ser mais ou menos adaptativas, sendo que o comportamento perante estas situações depende da vulnerabilidade dos indivíduos.

A vulnerabilidade, individual ou familiar, pode definir-se como o conjunto de sensibilidades e de fraquezas, patentes ou latentes, que marcam a capacidade das pessoas, ou das famílias, para resistir às contrariedades do meio (Alarcão, 2006). Pode entender-se a vulnerabilidade como um atributo pessoal que atua quando situações de risco estão presentes. Assim, esta é uma variável individual enquanto o conceito de risco é mais abrangente e envolve o contexto de vida em que o indivíduo está inserido (Hutz, 2002).

O contexto de vida da criança reveste-se de grande importância e pode determinar a sua exposição, a fatores de risco. Por fatores de risco entende-se, fatores individuais ou ambientais que aumentam a vulnerabilidade e a probabilidade do indivíduo desenvolver problemas emocionais ou comportamentais (Pesce, Assis, Santos, & Oliveira, 2004).

O contexto de risco distingue-se do de vulnerabilidade uma vez que implica a presença de um perigo potencial para a criança. Pode-se definir crianças em risco como *“aqueles em cujas trajetórias de desenvolvimento é possível identificar um conjunto de fatores de natureza constitucional e/ou ambiental que aumentam a probabilidade de desajustamento ou aparecimento de perturbações futuras”* (Werner & Smith, 1992, cit. por Melo e Alarcão, 2009).

Segundo a Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CNCJR, 2014) as situações de risco implicam um perigo potencial para a concretização dos direitos da criança, embora não atingindo o elevado grau de probabilidade de ocorrência que o conceito legal de perigo encerra. O perigo está associado à eminência de danos imediatos e pode instalar-se, independentemente da existência de risco, perante crises agudas na vida das crianças (e.g., morte de um progenitor, divórcio dos progenitores). Vivências de abandono, de maus-tratos físicos ou psíquicos, abusos sexuais, falta de cuidados e de afetos, sujeição a comportamentos que afetam gravemente a saúde, segurança e educação da criança são algumas das situações que a lei de proteção de

crianças e jovens em risco enumera como exemplos que se enquadram no conceito de perigo (CNCRJ, 2014).

Assim, é o contexto em que a criança está inserida que irá determinar se existem fatores de risco no seu desenvolvimento. Famílias que vivem uma multiplicidade de problemáticas, de violência, abuso de substâncias e outros sintomas severos, são exemplos de contextos que, quando existem ou coexistem, prolongados no tempo, podem suscitar os perigos acima referidos (Sousa, 2005). A manutenção ou a agudização dos fatores de risco pode, na ausência de fatores de proteção, conduzir a situações de perigo.

Importa assim destacar a importância dos fatores de risco na medida em que, não só aumentam a probabilidade de surgirem situações de perigo, mas também pelas implicações na vulnerabilidade das crianças. Crianças em situação de vulnerabilidade vão desenvolver uma predisposição para a não resistência às contrariedades do meio, afetando assim o seu desenvolvimento e adaptação. A vivência por parte das crianças em ambientes desfavoráveis ou desorganizados do ponto de vista familiar, aumentam a probabilidade de desenvolver vulnerabilidades e trajetórias de vida não adaptativas ou mesmo patológicas.

1.5. Representações de Família

Apesar de afirmar que a família é um todo, a dimensão individual dos membros da família não pode ser desvalorizada; a atenção a cada membro da família permite entender como cada um vive a família e as relações familiares.

Como destacamos anteriormente, a representação do *Self*, ao integrar as vivências subjetivas de cada pessoa, o modo como cada um se percebe a si próprio, as suas relações com os outros e com o mundo externo, oferece-se como um indicador do desenvolvimento e da harmonia individual. Por seu lado, as Representações de Família são importantes para entender como cada pessoa e, sobretudo, cada criança, se constrói no ambiente familiar de pertença. Nessa medida, o estudo das representações familiares reveste-se de especial importância, pelo que passamos a indicar as dimensões que a literatura considera como fundamentais na sua caracterização.

Uma das principais variáveis a ter em conta nas Representações de Família é a existência de conflito e a sua resolução. Assim, antes da avaliação de qualquer sistema relacional deve-se privilegiar a identificação da frequência de conflitos interpessoais e a antecipação das possíveis modalidades de resolução (Breitman & Porto, 2001). É no

ambiente familiar que o sujeito aprende a expressar-se a nível emocional, a controlar as emoções, a resolver conflitos e a lidar com as dificuldades. Assim, a disfuncionalidade do funcionamento familiar pode expressar-se pela incapacidade da família lidar com os conflitos que surgem.

Um dos tipos de conflito que pode ocorrer no sistema familiar é o conflito conjugal. Num estudo de Azam e Hanif (2000), os resultados revelaram que a perceção de conflitos conjugais por parte dos filhos tem uma correlação negativa quer com a vinculação parental, quer com as competências sociais das crianças. Assim, percecionar um elevado número de conflitos entre os pais está associado a uma fraca vinculação a eles e a reduzidas competências relacionais com outras crianças e adolescentes.

Num estudo longitudinal, Stadelman (2010) avaliou os efeitos da separação dos pais nos comportamentos sociais e emocionais em idade pré-escolar e o modo como estes variam em função do nível de conflito da família e das representações parentais por parte das crianças. As representações que as crianças têm dos pais foram avaliadas através de uma tarefa de relato de histórias. Os resultados demonstraram que a separação dos pais, os conflitos familiares e as representações negativas dos pais estavam associados aos problemas emocionais e comportamentais das crianças.

No mesmo sentido, Ross e Hill (2000) descrevem a relação entre saúde mental e física e a perceção que o indivíduo tem do meio em que está inserido. Os autores verificaram que níveis elevados de instabilidade e conflito são mais presentes em famílias com baixo envolvimento afetivo, confusão de papéis, reduzida capacidade de resolução de conflitos, dificuldades de comunicação e respostas inconsistentes ou inadequadas no que diz respeito à imposição de regras e limites. Assim, o conflito tende a aumentar quando outros fatores da dinâmica familiar se encontram desajustados.

Para que a criança possa satisfazer as necessidades básicas de desenvolvimento é necessário, para além de outros elementos, que esta vivencie um ambiente familiar positivo e que as funções parentais sejam exercidas (Moos & Moos, 1983 cit. por Vianna, Silva, & Souza-Formigoni, 2007). O ambiente ou clima familiar pode ser definido pela qualidade das relações, do crescimento pessoal, da estrutura e do controlo do sistema familiar. Vários estudos demonstram a influência do ambiente familiar no desenvolvimento e ajustamento individual, verificando que o ambiente familiar negativo (i.e., baixa coesão, elevado conflito familiar, baixa expressividade) está associado a sintomas psicopatológicos, nomeadamente a sintomatologia depressiva (George, Herman, & Ostrander, 2006).

Outra variável importante no estudo das representações de Família, é o tipo de Fronteiras estabelecidas entre os subsistemas familiares. Segundo Minuchin (1982) para que os subsistemas que constituem a família funcionem, existem regras que definem quem participa e como nos subsistemas, como cumprem as funções principais de diferenciação (do sistema, subsistemas e dos seus membros) e de manutenção, regulando as interações e possibilitando um funcionamento eficaz. Fronteiras claras são necessárias para que a família funcione de forma adequada. Quando são excessivamente rígidas ou difusas, a comunicação entre os subsistemas falha e, conseqüentemente, a família carece de recursos adaptativos para solucionar os conflitos existentes (Nichols & Schwartz, 2007). Fronteiras rigidamente definidas conduzem a relações distantes e a uma reduzida comunicação entre os membros da família que, assim, funcionam com grande independência (Minuchin, 1982; Calil, 1987; Minuchin & Fishman, 1990; Nichols & Schwartz, 2007). Fronteiras difusas geram reduzida diferenciação entre os membros da família e podem conduzir a uma intromissão excessiva nos espaços uns dos outros (Nichols & Schwartz, 2007).

O funcionamento equilibrado da família está diretamente relacionado com os padrões de relacionamento hierárquico estabelecidos entre os diferentes membros. A Definição de Limites revela a hierarquia de poder dentro da família a qual pode, se for congruente, i.e., se o subsistema parental estiver numa “posição superior” de liderança da família, contribuir para a funcionalidade ou, se for invertida, i.e., se o subsistema filial estiver numa “posição superior” ao subsistema parental, contribuir para a disfuncionalidade.

A qualidade das relações familiares estabelecidas é também um fator importante no desenvolvimento e estabilidade emocional nas crianças. A ausência de um dos progenitores ou a separação destes tem sido estudada como fator desestabilizador para as crianças; a separação dos pais, os conflitos familiares e as representações negativas dos pais surgem associados a problemas emocionais e comportamentais das crianças (Stadelmann, Perren, Groeben & Klitzing, 2010). Os dados de um estudo de Stadelmann e colaboradores, sugerem que as representações que as crianças fazem dos pais, moderam o impacto da separação destes no desenvolvimento de problemas de conduta e concluiu que a qualidade das relações familiares desempenha um papel importante no desenvolvimento sócio-emocional das crianças. Assim, o núcleo familiar das crianças surge como contexto fundamental para entender o surgimento de problemas emocionais e comportamentais.

Um componente do funcionamento familiar influente em todos os aspectos da vida familiar e das relações estabelecidas é a qualidade da comunicação no seio da família (Nichols & Schwartz, 2007). A comunicação, segundo Walsh (2003), define a natureza do relacionamento entre as pessoas. A clareza, a expressão emocional aberta e resolução colaborativa de conflitos são qualidades essenciais da comunicação familiar saudável; expressar as emoções de maneira adequada só é possível num ambiente familiar que se mostra acolhedor e que oferece suporte aos seus membros (Olson, 2000). Uma matriz de comunicação familiar clara e colaborativa proporciona a partilha de dificuldades contribuindo, assim, para a resiliência familiar (Walsh, 2003).

A presente revisão da Literatura permite-nos identificar, não só a importância do desenvolvimento psicológico na infância para as futuras representações do *Self* e de Família, mas também a perspectiva da família como pano de fundo e matriz deste desenvolvimento. As representações de Família revelam-se essenciais para entender a construção do *Self* de cada criança e como tal, foram apresentadas neste enquadramento teórico as dimensões que a literatura considera fundamentais para a caracterização destas, bem como algumas investigações que as estudaram. Assim, o principal objetivo deste estudo é abordar as representações de Família e do *Self* procedendo a uma comparação entre crianças que vivem em diferentes contextos, nomeadamente num contexto de vulnerabilidade e num contexto normativo.

2. Metodologia

2.1 Desenho da Investigação¹

O objetivo deste trabalho é a realização de um estudo sobre as representações do *Self* e de Família, procedendo a uma comparação entre crianças que vivem em contexto Normativo e crianças que vivem em contexto de Vulnerabilidade.

Tendo em conta este objetivo, recorreu-se a metodologias qualitativas de natureza clínica, designadamente metodologias de construção de narrativas e de produção gráfica, com potencial para aceder e compreender processos psicológicos e experiências de vida nas representações do *Self* e da Família. Assim, a investigação seguiu um plano de análise entre grupos (inter-participantes), no sentido de identificar as variáveis com potencial de diferenciação dos dois grupos de crianças em estudo. Secundariamente procedeu-se a uma análise intragrupo (intra-participantes) de modo a explorar a potencial convergência dos dados provenientes de diferentes instrumentos.

2.2 Questão Inicial

A presente investigação teve como ponto de partida a seguinte questão:

Haverá diferenças entre as Representação de Self e de Família em crianças que vivem em diferentes contextos familiares?

Desta questão decorrem os seguintes objetivos:

1. Caracterizar as representações de Família nas narrativas das crianças que vivem em contexto normativo e em contexto de vulnerabilidade;
2. Caracterizar as representações de *Self* das crianças que vivem em contexto normativo e em contexto de vulnerabilidade;
3. Analisar as especificidades nas representações de Família e de *Self* das crianças das duas amostras em estudo;
4. Analisar, em cada uma das amostras em estudo, a relação entre a perceção das Relações Familiares por parte das crianças e a perceção de si;
5. Analisar a adequação da grelha de codificação do *Family Apperception Test* proposta Baptista, Novo e Narciso (2014);
6. Analisar a adequação da grelha de codificação do *Desenho da Família* construída no âmbito do presente trabalho.

¹ A presente investigação insere-se num projeto mais amplo de investigação da Mestre Andreia Baptista, no âmbito do seu Doutoramento em Psicologia Clínica, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, subordinado ao tema “*Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade*”.

2.3 Mapa de Investigação

A investigação delineada está representada graficamente no mapa (ver Fig. 1) onde figuram, para cada um dos contextos analisados, os dois constructos em relação e as dimensões operacionalizadas através dos dois instrumentos utilizados no estudo, designadamente o *Family Apperception Test* e o *Desenho da Família*. O mapa de investigação representa as relações que nos propomos analisar em cada um dos contextos e a comparação a efetuar entre eles: crianças que vivem em Contexto de Vulnerabilidade e crianças que vivem em Contexto Normativo. Tendo por base o desenvolvimento psicológico infantil, e a família como matriz fundamental do desenvolvimento, o estudo tem por objetivo analisar as representações que a criança tem de Si e do seu mundo relacional nuclear, a Família, e de que modo estas representações constituem indicadores de conflito e, assim, de potenciais dificuldades de desenvolvimento.

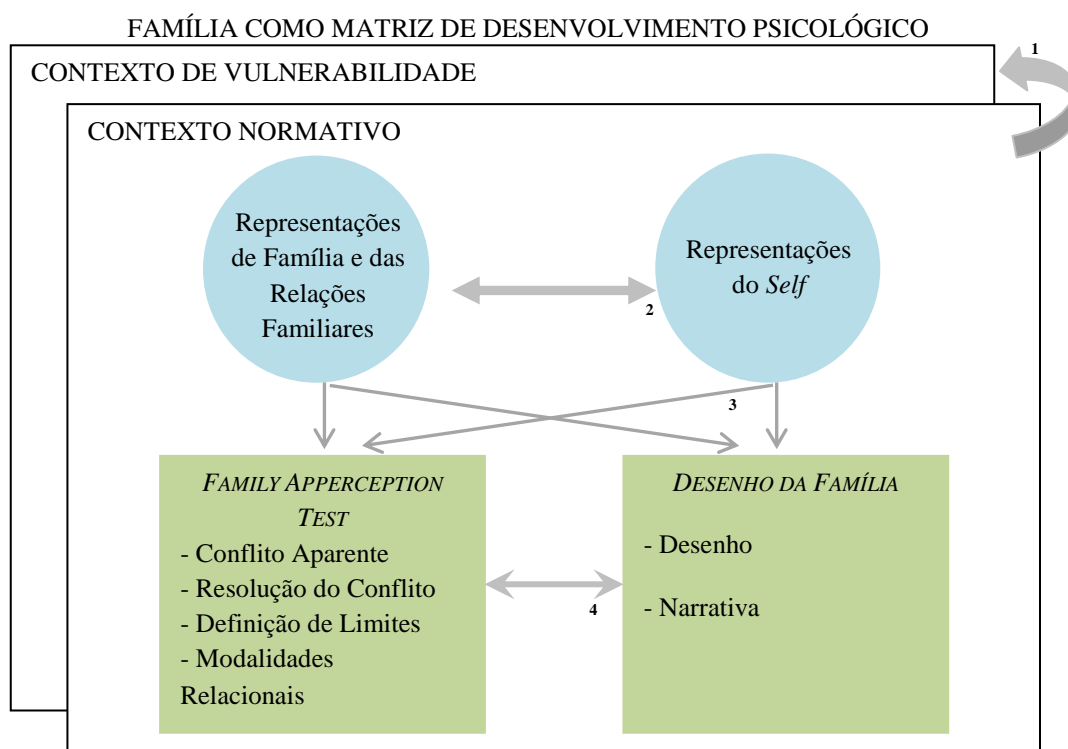


Figura 1

Mapa dos Construtos e das Variáveis de investigação.

Nota. ¹ Comparação das duas amostras em estudo; ² Relação dos dois construtos; ³ Relação de cada construto com os dois instrumentos e respetivas dimensões operacionalizadas; ⁴ Relação das dimensões operacionalizadas através dois instrumentos.

2.4 Participantes

A presente investigação incide sobre 26 participantes, com idades compreendidas entre os seis e os doze anos, dos dois sexos, integrados em duas amostras constituídas por treze crianças cada. Uma das amostras integra crianças que vivem em Contexto de

Vulnerabilidade (amostra adiante designada como CV) e a outra amostra integra crianças que vivem em Contexto Normativo (amostra adiante designada como CN).

A amostra CV conta com sete participantes do sexo feminino (54%) e seis participantes do sexo masculino (46%), com uma média de idades de 8,85 anos (três crianças de seis anos; duas de sete; quatro de oito; uma com nove; uma com dez s; duas com onze; e uma com doze anos). A amostra CN integra dez participantes do sexo masculino (77%) e três participantes do sexo feminino (23%), com uma média de idades de 11 anos (uma criança com oito anos; duas com nove; uma com dez; quatro com onze; e cinco com doze anos). As duas amostras não são comparáveis quanto à distribuição das idades e dos sexos, o que será tido em consideração na análise de resultados.

Tabela 1
Características demográficas dos participantes por grupo

Amostras	Idade	Sexo	
	<i>M (DP)</i>	F	M
Contexto de Vulnerabilidade (CV) (<i>N</i> = 13)	8.85 (2.27)	7	6
Contexto Normativo (CN) (<i>N</i> = 13)	1.00 (1.36)	10	3

Passamos a caracterizar cada uma das amostras, indicando os aspectos sociodemográficos e biográficos mais relevantes para o estudo.

Amostra de Crianças em Contexto de Vulnerabilidade

A amostra de crianças em contexto de Vulnerabilidade (CV) foi recolhida num projeto de solidariedade social destinado a crianças e jovens em situações de vulnerabilidade, designado por Solsal (Solidariedade Salesiana). As crianças participantes têm, todas elas, história de sinalização à CPCJ (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens), embora atualmente três delas não estejam sinalizadas. Todas as crianças vivem em ambientes familiares considerados de risco ou muito vulneráveis, devido à vivência de uma, ou mais, das seguintes situações: abandono por parte de um dos progenitores, com negligência por parte do progenitor-cuidador; negligência por parte de ambos os progenitores; instabilidade da vida familiar com repercussões ao nível das relações e laços familiares.

Especificamente, entre as crianças desta amostra, seis sofreram abandono pelo pai quando tinham menos de cinco anos e não têm, desde então, qualquer contacto com o progenitor; duas são vítimas de negligência por parte do pai e o contacto com este é de cerca de uma vez por ano; e duas são vítimas de negligência por parte da mãe apesar de manterem contacto com esta. Nove das crianças beneficiam atualmente de

acompanhamento psicológico por evidenciarem sinais de sofrimento psicológico, dificuldades relacionais, emocionais ou de comportamento. Dez crianças estão atualmente sinalizadas à CPCJ; duas têm mães toxicodependentes; três estiveram institucionalizadas nos dois primeiros anos de vida e uma é órfã e foi recentemente adotada. Acrescem ainda, em todos os casos, sérias dificuldades económicas associadas a situação crónica de dependência de subsídios sociais e, em alguns casos, dependência de apoio regular (diário) ao nível da alimentação, configurando situações de significativa precariedade e vulnerabilidade social.

Das crianças participantes desta amostra, doze frequentam a escola, dez delas no nível de escolaridade correspondente ao da sua idade e duas com atraso de um ano (retenção no ensino pré-primário e no ensino primário). No que diz respeito ao agregado familiar, dez crianças não têm irmãos e três têm um irmão que vive na mesma residência. Relativamente à etnia, sete crianças são caucasianas, quatro africanas e duas ciganas.

Amostra de Crianças em Contexto Normativo

A amostra de crianças em Contexto Normativo (CN) foi recolhida através do contacto direto com os progenitores e constitui uma amostra de conveniência. Integra treze crianças que vivem em situação familiar normativa; no caso desta amostra, em onze casos as crianças vivem em famílias com pai, mãe e com irmãos e em dois casos são filhos únicos. Nenhuma das crianças tem historial de sinalização à CPCJ ou qualquer referência a sinais de vulnerabilidade ou exposição a situações de risco. Todas as crianças frequentam a escola e encontram-se no nível de escolaridade esperado para a idade. As crianças desta amostra são de etnia caucasiana e os níveis educacionais e profissões dos pais sugerem a pertença a um nível socioeconómico médio ou elevado.

A principal característica diferenciadora das duas amostras é a vivência de situações de vulnerabilidade. Na amostra CV, o aspeto comum a todos os participantes é a existência de historial de sinalização, enquanto na amostra CN não existe qualquer referência à vivência de situações de risco ou vulnerabilidade. Contudo, para além das diferenças entre as duas amostras já referidas, a idade e o sexo, existem outras, como a diversidade étnica e o nível socioeconómico das famílias de pertença.

2.5 Instrumentos

Foram utilizados na recolha de dados dois instrumentos standardizados, *The Family Apperception Test* e o *Teste de Desenho da Família*, que passamos a apresentar.

Para além da aplicação dos referidos instrumentos foram recolhidos dados demográficos e sociodemográficos de cada participante.

The Family Apperception Test

The Family Apperception Test (adiante designado como FAT) é um instrumento elaborado por Sotile, Julian III, Henry e Sotile em 1999, com base na teoria sistémica com o objetivo de reunir, no contexto da prática clínica, níveis de avaliação individual e familiar (Sotile, Julian III, Henry & Sotile, 1999). O teste, aplicável a indivíduos a partir dos seis anos de idade, é composto por vinte e um cartões que apresentam imagens de situações e atividades familiares habituais, envolvendo personagens dos dois géneros e de diversas idades que suscitam uma larga série de associações e permitem a evocação de um quadro de referência cognitivo e afetivo centrado na família. Diferentemente de outros instrumentos projetivos, o foco não é a identificação dos aspetos psicodinâmicos individuais, mas a caracterização dos processos e estruturas familiares, assim como reações afetivas relacionadas com interações familiares específicas, as quais são considerados na cotação do FAT.

No âmbito de estudos exploratórios do FAT, em Portugal, tem sido considerado o uso, não da totalidade dos 21 cartões que constituem o teste, mas a seleção de conjuntos específicos de cartões que se revelem mais úteis à investigação ou à avaliação clínica. Na presente investigação foram utilizados doze cartões, escolhidos, em função da adequação aos objetivos do estudo e à idade dos participantes. Os cartões selecionados são alusivos a diferentes temáticas que passamos a identificar:

‘*Jantar*’ – remete para conflitos familiar e/ou conjugal;

‘*Punição*’ – remete para a definição de limites na família e para a potencial existência de maus tratos físicos;

‘*Sala de estar*’ – sugere o conflito familiar ou conjugal;

‘*Arrumação*’ – remete para as relações mãe/criança, sobretudo no que diz respeito à definição de limites;

‘*Escadas*’ – conteúdo não-específico que suscita a expressão de problemáticas pessoais;

‘*Centro Comercial*’ – remete para as relações mãe/criança, irmãos/irmãs e relações com pares;

‘*Cozinha*’ – suscita temas ligados ao conflito familiar e conjugal;

‘*Saída*’ – remete para conflitos familiares e para a resolução de conflitos em torno de um tema comum na adolescência;

‘*Trabalhos de Casa*’ – remete para a dinâmica familiar relativamente às tarefas intelectuais e escolares;

‘*Hora de Dormir*’ – representa relações pai/criança, nos aspectos fusionais ou de desligamento;

‘*Excursão*’ – evoca conflitos em diferentes populações, informando sobre conflitos conjugais ou familiares e a sua resolução;

‘*Espelho*’ – sendo um dos cartões mais projetivos do teste, remete para o conceito de si, autoimagem, autoestima ou, até mesmo, para problemas de identidade.

A administração do FAT é uma tarefa particularmente cuidada pois, de modo semelhante à de outras técnicas projetivas, não é totalmente estandardizada, designadamente na fase de clarificação da história. A instrução de aplicação do teste a crianças e jovens de idade inferior aos 18 anos é a seguinte:

Tenho aqui uma série de imagens que mostram crianças e as suas famílias. Vou mostrar-te as imagens uma a uma. Peço-te que me digas, por favor, o que se passa na imagem, o que se terá passado antes, o que os personagens estão a pensar ou a sentir e também como é que a história vai terminar. Utiliza a tua imaginação e, sobretudo, lembra-te de que não há boas ou más respostas no que dirás sobre cada imagem (Sotile, Julian III, Henry & Sotile, 1999).

Conforme os procedimentos do manual, o examinador prossegue estimulando a criança ao completamento da história ou formulando as questões necessárias à sua clarificação.

Teste do Desenho da Família

O *Desenho da Família* de Corman (1982) (adiante designado como DF) é um teste gráfico utilizado no âmbito da exploração da personalidade em diferentes idades, sobretudo em crianças. A tarefa solicitada é a realização de ‘um desenho de uma família’, seguida por um breve inquérito sobre as personagens representadas. A instrução dada no início do teste é a seguinte: “*imagina uma família e desenha-a*”. No decorrer da prova, o examinador regista vários aspectos como: a posição da folha; a ordem de desenho dos personagens; o tempo envolvido no desenho de cada uma; e o comportamento verbal e não-verbal da criança ao longo do desenho. No final da produção gráfica, é pedida à criança uma descrição das personagens desenhadas (e.g., quem são, que idade têm) e para responder a um conjunto de questões sobre a família desenhada (*Apêndice A*).

Na literatura são diversas as propostas de exploração qualitativa das produções gráficas no âmbito da avaliação de protocolos individuais. Contudo, a aplicação destas propostas não se revela fácil de utilizar em investigação, já que esta exige a aplicação de categorias transversais de análise a todos os casos. Deste modo, optámos, neste estudo, por elaborar um conjunto de categorias de análise relativas quer à produção gráfica, quer às narrativas, as quais apresentaremos, adiante, nos procedimentos de análise de dados.

Recolha de Dados Demográficos e Sociodemográficos

Para a realização da presente investigação foi necessário a recolha de dados demográficos e sociodemográficos dos participantes das duas amostras. Estes dados foram recolhidos pelo examinador através de um questionamento breve realizado com o encarregado de educação de cada participante. Os dados recolhidos foram os seguintes: data de nascimento; constituição do agregado familiar; nível de escolaridade; nível socioeconómico; e existência, ou não, de historial de sinalização.

2.6 Procedimentos de Recolha de Dados

A recolha da amostra foi feita separadamente para cada um dos contextos em causa. A recolha da amostra CV foi realizada num projeto de solidariedade social destinado a crianças e jovens em situações de vulnerabilidade, designado por Solsal (Solidariedade Salesiana). Esta opção teve por base a acessibilidade à instituição².

Após o pedido de colaboração à diretora do projeto (*Apêndice B*), e da mesma ter sido concedida, foi contactado pessoalmente cada um dos adultos responsáveis pelas crianças, em condições de inclusão na amostra, explicados os objetivos do estudo e as condições de participação, e solicitada a autorização para a participação das crianças no mesmo. A autorização foi confirmada com a assinatura de um documento de consentimento informado (*Apêndice C*). Posteriormente foi agendada a sessão e, na data acordada, os pais reuniram-se inicialmente com a examinadora para recolha dos dados demográficos. Em seguida as crianças, acompanhadas apenas pela examinadora, realizaram os testes num espaço silencioso e confortável disponível na instituição SolSal.

A recolha da amostra CN foi feita a partir dos contactos pessoais da examinadora, designadamente por solicitação, na rede de amigos, de referências de crianças nas

² Projeto no qual desempenhei funções de psicóloga estagiária, nomeadamente no acompanhamento psicológico de crianças, no decorrer do ano letivo 2013/2014.

condições familiares e grupo etário definidos. O primeiro contacto foi estabelecido com o adulto responsável pelas crianças referenciadas e nele foram dadas as informações acerca do estudo, dos objetivos e das condições de participação, e solicitado o consentimento informado. Tal como na amostra CV, foi agendada a data para a efetiva participação, altura em que a examinadora recolheu os dados demográficos com os pais e posteriormente as crianças realizaram os testes acompanhadas pela examinadora. O espaço de aplicação dos testes foi adequado às conveniências dos participantes, em alguns casos na residência do participante e noutros na residência da examinadora, garantindo sempre privacidade e silêncio no momento da recolha de dados.

Os procedimentos de aplicação dos testes foram semelhantes para as crianças das duas amostras e foram seguidas as instruções e indicações específicas dos respetivos manuais. O primeiro instrumento aplicado foi o *FAT* e em seguida o *DF*, numa sessão individual com a duração média de aproximadamente 60 minutos. Antes do início da sessão, a criança era informada de que se iria proceder a uma gravação áudio, procedimento bem aceite pelas crianças. Após a aplicação dos testes procedeu-se à transcrição das narrativas das crianças e à posterior destruição das gravações efetuadas.

2.7 Procedimentos de Análise de Dados

A presente investigação foi realizada utilizando, numa primeira fase, uma metodologia de análise qualitativa das narrativas do *FAT* e do *DF*, bem como das produções gráficas deste último teste. Numa segunda fase, procedeu-se à quantificação das dimensões de cada um dos testes e à comparação entre grupos, com recurso a técnicas de estatística descritiva através do software SPSS (versão 22).

Relativamente à análise do conteúdo das narrativas do *FAT* verificámos que, nos poucos estudos internacionais publicados com este teste, são introduzidas alterações específicas nas categorias de cotação propostas no manual. Na fase de treino de cotação de protocolos, fase prévia a este estudo, foram sendo evidentes dificuldades na aplicação dos critérios de cotação, definidos no manual, a algumas categorias de análise. Nesse sentido, foi tomada a opção de selecionar apenas as categorias de análise propostas no manual do teste e que mereceram maior acordo inter-avaliadores, i.e., uma concordância da codificação superior a 90% das narrativas. Complementarmente foram consideradas novas categorias de análise as quais foram propostas e definidas no âmbito do grupo de trabalho da FP-UL sobre o *FAT* (*Apêndice D*). O conjunto das variáveis foi analisado de duas formas diferentes, foi feita uma análise por cartão e uma análise

global por protocolo. Deste modo, as variáveis analisadas por cartão permitem identificar a frequência com que as diversas categorias estão representadas na narrativa de cada criança (computo por protocolo) e, quando computadas ao nível dos grupos, indicam o valor médio observado em cada um deles. Os valores das variáveis analisadas globalmente indicam a categoria dominante no conjunto das narrativas de cada criança, i.e., a tendência global de resposta de cada criança (computo por protocolo) e, ao nível dos grupos, indicam o número de crianças que representa cada uma das categorias dominantes.

O conjunto das categorias utilizadas na presente investigação e respetiva descrição são apresentadas sumariamente na Tabela 2. Descrições mais completas são apresentadas no manual do teste (Sotile, Julian III, Henry & Sotile, 1999) e no documento mimeo que apresenta as novas categorias de análise propostas e definidas no âmbito do grupo de trabalho da FP-UL sobre o FAT (*Apêndice D*).

Tabela 2

Categorias de análise do *Family Apperception Test* usadas no estudo.

Categoria	Descrição Genérica
Subcategorias	
Conflito Aparente ^(a) *	
Conflito Familiar	
Conflito Conjugal	
Outro Tipo de Conflito	
Ausência de Conflito	Indica a presença de uma tensão decorrente de uma relação interpessoal.
Tendência ^(b) Conflito Aparente	
Presente vs Ausente	
Resolução do Conflito ^{(a)*}	
Tendência de Resolução de Conflito ^(b)	
Positiva	Indica se a resolução de conflito é expressa
Negativa ou sem Resolução	explícita ou implicitamente, ou se está ausente.
Qualidade das Relações ^{(a)*}	
Mãe Aliada/ Stressor	
Pai Aliado/ Stressor	
Outro Aliado/ Stressor	
Cônjuge Aliado/ Stressor	
Tendência da Qualidade das Relações ^(b)	Diz respeito à qualidade das relações familiares em função dos níveis evocados de conforto ou de tensão sentidos nas relações entre os membros da família.
Relações Aliadas	
Relações Stressoras	
Fronteiras ^{(a)**}	
Tendência Fronteiras ^(b)	
Difusas/ Relações Emaranhadas	
Nítidas/ Relações Equilibradas	
Rígidas/ Relações Desligadas	Refere-se a regras ou limites que permitem regular a passagem de informação entre a família e o meio e entre os diferentes subsistemas familiares.
Regulação Parental e Aceitação da Regulação ^{(a)**}	
Tendência da Regulação Parental e da Aceitação ^(b)	
Regulação Parental Adequada	
Regulação Parental Inadequada	
Aceitação	Diz respeito à (in)adequação das práticas parentais e à aceitação ou não aceitação destas práticas pelos filhos.
Não Aceitação	

Clima Relacional ^{(a)**} Tendência Clima Relacional ^(b) Positivo Negativo	Diz respeito à percepção positiva vs. negativa das relações familiares e das relações entre outras personagens.
Maus Tratos ^{(a)*} Físicos Negligência Tendência para Presença ou Ausência de Maus Tratos ^(b) Presença Ausência	Indica se na narrativa da criança há alusão à prática ou à antecipação de comportamento de maus tratos.
Respostas Involúgares ^{(a)*} Presença Ausência	Indica a presença de conteúdos pouco habituais ou emocionalmente intensos (e.g., perturbação mental, suicídio, morte, violência) ou de processos psicológicos de relevância clínica (e.g., negação manifesta dos aspectos presentes no cartão, processos primários de pensamento).
Tonalidade Emocional ^{(a)*} Depressão/ Tristeza Alegria/ Satisfação Ira/ Hostilidade Ansiedade/ Medo Outras Emoções Tendência da Tonalidade Emocional ^(b) Tonalidade Emocional Positiva Tonalidade Emocional Negativa	Indica os diferentes tipos de tonalidade emocional presentes na narrativa.
Comunicação Verbal ^{(a)**} Tendência Comunicação Verbal ^(b) Aberta Fechada	Avalia a qualidade da comunicação verbal na família.
Hierarquia Familiar ^{(a)**} Tendência Hierarquia Familiar ^(b) Congruente Invertida	Avalia a funcionalidade vs. Disfuncionalidade da hierarquia familiar.
Legibilidade da História ^{(a)**} Tendência Legibilidade da História ^(b) Clara Confusa	Refere-se ao nível de clareza da narrativa que é transmitida.

Nota.

^(a) Variáveis analisadas por cartão.

^(b) Variáveis analisadas globalmente por protocolo, i.e., considerando o conjunto dos doze cartões aplicados.

* Categorias do manual do teste codificadas segundo as respetivas indicações.

** Categorias propostas e aplicadas segundo as regras definidas no *Apêndice D*.

Relativamente à codificação das narrativas, cada protocolo utilizado neste estudo foi analisado e codificado, independentemente, por dois investigadores. As divergências foram ultrapassadas em reunião com um terceiro investigador. Considerando globalmente todas as categorias de análise, o nível de acordo inter-avaliadores foi próximo de 90%.

Foi também realizada uma análise qualitativa das narrativas elaboradas pelas crianças das duas amostras no Cartão 20 do FAT. A análise da narrativa deste cartão foi orientada no sentido de perceber a forma como a criança se vê a si própria, explorando assim as representações de *Self*. A análise do cartão pretendeu identificar os seguintes

aspectos: elementos críticos; presença de atributos físicos e valorização externa (ao nível da aparência); atributos psicológicos; tonalidade emocional e papel de terceiros.

A análise qualitativa das produções no *Desenho da Família* foi realizada por um investigador, tendo sido posteriormente resolvidas as dúvidas de codificação com o acordo de um segundo. A codificação seguiu um conjunto de categorias e critérios criados, definidos e testados previamente (*Apêndice E*). Estas são relativas às produções gráficas e das narrativas elaboradas pelas crianças, assim como a indicadores de conflito, e foram definidas seguindo as referências da literatura específica para o *Desenho da Família* e para outras provas gráficas, designadamente para o *Desenho das Duas Figuras Humanas* (Mateo & Landazabal, 2009). A codificação dos dados contempla quatro áreas principais: Desenho, Narrativa, Indicadores de Conflito e Síntese Apreciativa Global. Na Tabela 3 são apresentadas e definidas as categorias consideradas.

Tabela 3

Categorias de análise do Desenho da Família usadas no estudo

Categoria Subcategorias	Descrição Genérica
DESENHO	
Tipo de Família Representada Coincidente; Equivalente; Outra Família; Outro Tipo de Família ou Família de Figuras não humanas	Indica se a criança desenhou a sua família real ou se desenhou outro tipo de família.
Figura de Identificação Próprio Identidade Próxima Identidade Distante	Indica qual a figura com a qual a criança se identifica no desenho.
Valorização das Figuras Desenhadas Mãe: Mais Valorizado/Menos Valorizado/Neutro Pai: Mais Valorizado/Menos Valorizado/Neutro Próprio: Mais Valorizado/Menos Valorizado/Neutro Outro: Mais Valorizado/Menos Valorizado/Neutro	Indica quais as figuras mais investidas no Desenho.
Investimento no Desenho Simplificado ou Apressado Adequado Investimento Significativo Investimento	Indica o grau de investimento da criança na produção gráfica realizada.
Preocupação com o Cenário Sem Cenário Específico Introdução de Elementos alusivos à família Introdução de Outros elementos Insistência no Cenário	Indica se a criança representa algum tipo de cenário envolvente para além da família.
NARRATIVA	
Tipo de Narrativa Simplificada Investida	Diz respeito ao grau de investimento da criança na narrativa realizada
Perceção dos Elementos da Família Mãe: Positivo/Negativo/Neutro ou não representado Pai : Positivo/Negativo/Neutro ou não representado Próprio: Positivo/Negativo/Neutro ou não representado Outro: Positivo/Negativo/Neutro ou não representado	Indica a representação positiva, negativa ou neutra que a criança tem de cada um dos membros da família.

Hierarquia Familiar Congruente Invertida	Indica se a hierarquia da familiar é congruente ou invertida
Clima Relacional Proximidade Distanciamento	Indica o relacionamento entre os diferentes membros representados pela criança.
Clima Familiar Positivo Negativo	Diz respeito à positividade vs. negatividade do clima familiar vivido.
SINAIS CRÍTICOS	
Traçado excessivamente ténue ou carregado e reforçado	
Riscar ou transformar as personagens	
Omitir membros/partes do corpo nas diversas personagens	Indica a presença ou ausência, ao longo da prova, dos sinais críticos referidos.
Omitir membros/partes do corpo em personagens específicas	
Desenhar família de elementos não-humanos	
Desenhar figuras estranhas/grutescas	
Contraste acentuado do tamanho das personagens	
SÍNTESE APRECIATIVA GLOBAL	
Produção Gráfica Adequada à Idade Inadequada à Idade (imaturidade) e/ou outros sinais críticos	Indica o nível de adequação da produção gráfica em relação à idade da criança.
Conteúdo da Narrativa Tendência Positiva Tendência Negativa Tendência Mista Tendência Neutra	Refere a tendência geral do conteúdo da narrativa elaborada.
Tonalidade Emocional Positiva Negativa Neutra	Indica, de forma geral, se a tendência da narrativa e do desenho foi positiva, negativa ou neutra.

3. Resultados

Neste capítulo procedemos à apresentação dos dados obtidos a partir da análise do conteúdo das narrativas elaboradas pelas crianças, das duas amostras em estudo, no *Family Apperception Test* (FAT) e no *Desenho da Família* (DF). De modo a dar resposta à questão de investigação inicialmente formulada e ao objetivos do estudo, apresentam-se os resultados, em cada uma das provas, ao nível da comparação entre as amostras (análise inter-grupos) e posteriormente, relacionaremos os dados obtidos pelos participantes nas duas provas (análise intra-grupos).

Numa primeira parte serão apresentados os resultados das análises de conteúdo efetuadas às narrativas do FAT, seguidas das análises das produções gráficas e das narrativas ao *Desenho da Família*. Os resultados globais por teste e por categoria de análise são apresentados em quadros ao longo do texto, sendo os resultados discriminados apresentados em anexos (ver *Anexo A*).

Resultados do FAT – Comparação das amostras em Estudo

Conflito Aparente

A análise das narrativas produzidas pelas crianças ao conjunto dos 12 cartões apresentados, no que se refere à frequência de identificação de conflito, revela que as crianças da amostra de Contexto Normativo (CN) identificam, em valores médios, um tipo de conflito em cerca de metade dos cartões (i.e., sete conflitos) e que, cerca de 38% das crianças identificam oito ou mais conflitos (ver Tabela A.1).

Na amostra de crianças em Contexto de Vulnerabilidade (CV), verifica-se que o número de conflitos identificados tende a ser menor, já que a representação de conflito ocorre, em termos médios, em cerca de metade dos cartões, com 38% das crianças a não representarem qualquer conflito em 7 ou mais cartões.

Atendendo à tendência de cada criança no conjunto dos cartões, i.e. à resposta dominante de cada criança, verifica-se que a tendência de ‘Representação de Conflito’ ocorre em 62% das crianças do CN e apenas em 39% da amostra CV (Tabela 4).

Tabela 4

Tendência da ‘Conflito Aparente’ nas amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)		Amostra Normativa (N = 13)	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
Não Representação do Conflito	8	62%	5	39%
Representação do Conflito	5	39%	8	62%

Relativamente ao tipo de conflitos representados, não se identificou um comportamento distinto por parte das crianças das duas amostras: o tipo de conflito mais referido foi o ‘Conflito Familiar’, cerca de quatro vezes superior à representação do ‘Conflito Conjugal’ e de ‘Outro tipo de Conflito’.

Embora o material do teste remeta para a representação de potenciais conflitos, os dados sugerem uma tendência das crianças da amostra CN para a ‘Representação do Conflito’ e uma tendência maior das crianças da amostra CV para a ‘Não Representação do Conflito’. Assim, estes resultados indicam uma maior dificuldade por parte das crianças da amostra CV na identificação e representação desta tensão decorrente de uma relação interpessoal.

Resolução do Conflito

Relativamente a esta categoria, em que está em causa identificar se há na narrativa indicação de estratégias eficazes na resolução dos conflitos, verifica-se que as crianças da amostra CN apresentam uma ‘Resolução Positiva’ para maioria dos conflitos representados. Todas as crianças têm, pelo menos, duas resoluções positivas e, em termos médios, a frequência é de ‘Resolução Positiva’ em cerca de cinco ($Mdn_{CN} = 5$; $M_{CN} = 5.10$; $DP_{CN} = 1.90$) dos sete conflitos representados (ver Tabela A.2). Relativamente à ‘Resolução Negativa’, cerca de metade da amostra apresenta entre zero e uma ‘Resolução Negativa’ do conflito. Considerando, no conjunto das narrativas em que o conflito é representado, a tendência dominante do tipo de resolução por parte de cada criança, verifica-se que em todas as crianças desta amostra, a tendência é a de ‘Resolução Positiva’ dos conflitos representados.

As crianças da amostra CV apresentam uma baixa frequência de ‘Resolução Positiva’ dos conflitos ($Mdn_{CV} = 2$; $M_{CV} = 3.00$; $DP_{CV} = 2.80$) e inferior à frequência da ‘Resolução Negativa’ ($Mdn_{CV} = 3$; $M_{CV} = 3.31$; $DP_{CV} = 1.60$). Os dados indicam que, dos seis conflitos representados em média nesta amostra, há crianças sem nenhuma resolução positiva dos conflitos, 62% das crianças apresentam apenas duas resoluções positivas e 46% apresenta três ou mais resoluções negativas (ver Tabela A.2).

Considerando a tendência dominante da amostra CV, verifica-se que 69% das crianças (i.e., nove das treze crianças) apresentam mais narrativas com ‘Resolução Negativa’, comportamento bem diferente do das crianças da amostra CN em que esta tendência não foi apresentada por nenhuma criança. Assim a tendência à ‘Resolução

Positiva’ ocorre apenas em 31% destas crianças da amostra CV e em 100% das da amostra CN (ver Tabela 5).

Tabela 5

Tendência da ‘Resolução de Conflito’ nas amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade (<i>N</i> = 13)		Amostra Normativa (<i>N</i> = 13)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Tendência à Resolução Negativa ou sem resolução	9	69%	0	0
Tendência à Resolução Positiva	4	31%	13	100%

O tipo de comportamentos das duas amostras é claramente distinto: as crianças do CN revelaram, globalmente, tendência a indicar que os conflitos são resolvidos de forma plausível e não são suscetíveis de se repetir, enquanto as crianças da amostra CV tendem a apresentar tendência para resoluções negativas ou para a não resolução dos conflitos, significando, assim, tendência a admitir conflitos em aberto e que podem ser reproduzidos.

Qualidade das Relações

Esta categoria diz respeito à qualidade das relações familiares identificada a partir dos níveis de conforto ou de tensão sentidos nas relações entre os membros da família ou entre estes e outras personagens.

No que refere à frequência com que cada uma das figuras foi referida como aliado ou stressor, as crianças da amostra CN identificaram, em valores médios, maior número de representações da figura da mãe e do pai como ‘Agente stressor’, sendo que a mãe é identificada em 46% da amostra como ‘Agente Stressor’, em três ou mais dos doze cartões ($Mdn_{CN}=3$; $M_{CN}=3.31$; $DP_{CN}=1.88$); o pai é referido em 46% da amostra em dois ou mais cartões ($Mdn_{CN}=2$; $M_{CN}=3.00$; $DP_{CN}=1.63$). As crianças desta amostra apresentam uma baixa frequência de identificações do irmão/irmã como ‘Agente Stressor’ ($Mdn_{CN}=1$; $M_{CN}=1.08$; $DP_{CN}=1.12$). No que refere à frequência com que cada criança identificou as figuras como ‘Aliado’, 38% das crianças referiu a mãe como aliada mais do que uma vez ($Mdn_{CN}=1$; $M_{CN}=1.23$; $DP_{CN}=1.16$), 23% referiu o pai como aliado também mais do que uma vez ($Mdn_{CN}=1$; $M_{CN}=1.31$; $DP_{CN}=0.63$) e nenhuma criança da amostra referiu o irmão/irmã como aliado (Ver tabela 6).

No que diz respeito à amostra CV, a frequência com que cada figura foi referida como ‘Aliada’ ou ‘Stressor’ foi menor que na amostra CN. Assim, cerca de 23% da amostra identificou a mãe e o pai como ‘Stressor’ mais de três vezes nos cartões (‘Mãe

Stressor’: $Mdn_{CV} = 3$; $M_{CV} = 2.77$; $DP_{CV} = 1.53$; ‘Pai Stressor’: $Mdn_{CV} = 3$; $M_{CV} = 3.00$; $DP_{CV} = 1.41$). A frequência de identificações do irmão/irmã como ‘Aliado’ foi maior, sendo que 46% da amostra refere esta figura como aliado mais do que uma vez ($Mdn_{CV} = 0$; $M_{CV} = 0.31$; $DP_{CV} = 0.00$) ao longo dos cartões. No que refere à frequência na identificação dos progenitores enquanto ‘Aliado’, esta foi menor sendo que apenas 23% da amostra refere o pai e a mãe como aliados cerca de duas vezes (‘Mãe Aliado’: $Mdn_{CV} = 1$; $M_{CV} = 0.92$; $DP_{CV} = 0.95$; ‘Pai Aliado’: $Mdn_{CV} = 1$; $M_{CV} = 0.92$; $DP_{CV} = 0.76$) (Ver tabela 6).

Tabela 6

Categoria ‘Qualidade das Relações’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva

	Amostra de Vulnerabilidade ($N = 13$)				Amostra Normativa ($N = 13$)			
	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>Mdn</i> (FAC)*	<i>M</i> (DP)	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>Mdn</i> (FAC)	<i>M</i> (DP)
Relações (total)	5	22	10 (54%)	11.85 (4.96)	0	19	13 (54%)	13.50 (3,82)
Mãe Aliada	0	3	1 (77%)	.92 (0.95)	0	3	1 (62%)	1.23 (1,16)
Pai Aliado	0	2	1 (77%)	.92 (0.76)	1	3	1 (77%)	1.31 (0,63)
Irmão/Irmã aliada	0	2	0 (77%)	.31 (0.00)	0	0	0 (100%)	.00 (.00)
Conjuge aliado	0	1	0 (85%)	.15 (0.38)	0	2	0 (62%)	0.46 (0.66)
Outro Aliado	0	1	0 (85%)	.15 (0.38)	0	2	0 (77%)	0.31 (0.63)
Mãe stressor	1	6	3 (77%)	2.77 (1.53)	0	6	3 (54%)	3.31 (1.88)
Pai Stressor	1	6	3 (77%)	3.00 (1.41)	1	6	2 (54%)	3.00 (1.63)
Irmão/irmã stressor	0	2	0 (54%)	.62 (0.77)	0	3	1 (69%)	1.08 (1.12)
Conjuge Stressor	0	3	1 (69%)	1.08 (1.12)	0	4	1 (69%)	1.23 (1.09)
Outro Stressor	0	6	1 (54%)	1.92 (1.61)	0	3	1 (54%)	1.54 (.87)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Verificaram-se diferenças entre as duas amostras: na amostra CN houve um maior número de respostas que consideram a Mãe e o Pai como figuras ‘Stressoras’ do que na amostra CV e houve também um maior número de referências à mãe como ‘Aliada’ do que na amostra CV. Na amostra CV o número de referências em que o irmão/irmã é considerado ‘Stressor’ é maior do que na amostra CN mas as referências ao irmão/irmã como aliado também foi maior do que na amostra CN. As categorias de ‘Cônjuge Aliado’, ‘Cônjuge Agente Stressor’, ‘Outro Aliado’ e ‘Outro Agente Stressor’ foram pouco referidas nas duas amostras.

No que diz respeito à tendência de cada criança no conjunto dos cartões, as duas amostras revelaram uma tendência semelhante quer no que se refere à frequência das representações de cada um dos membros da família, quer à qualidade de aliado, quer à

de stressor. Contudo a tendência dominante de identificação das figuras de autoridade familiar é como agente stressor pois ocorre em 92% de ambas as amostras (ver tabela A.3). Deste modo, face aos conflitos identificados pelas crianças, o papel ‘Stressor’ supera o de ‘Aliado’; i.e., perante situações de conflito as figuras parentais representam uma fonte de stress para as crianças e para o conjunto da família.

Fronteiras

Nesta categoria, que se refere a regras ou limites que permitem regular a passagem de informação entre os diferentes subsistemas familiares e entre a família e o meio, a análise das narrativas produzidas pelas crianças no conjunto dos doze cartões revelou algumas diferenças entre as duas amostras em estudo.

Verificou-se que na amostra CN: 38% dos participantes identificaram ‘Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas’ em mais de metade das narrativas ($Mdn_{CN} = 6$; $M_{CN} = 5.69$; $DP_{CN} = 2.10$), mais de metade dos participantes não apresentaram quaisquer referências a ‘Fronteiras Rígidas/Relações Desligadas’ ($Mdn_{CN} = 0$; $M_{CN} = .85$; $DP_{CN} = 1.14$), e em cerca de 70% da amostra não houve referência a ‘Fronteiras Difusas/Relações Emaranhadas’ ($Mdn_{CN} = 0$; $M_{CN} = .46$; $DP_{CN} = .78$) (Ver Tabela A.).

Na amostra CV verifica-se que o número de referências ao tipo de ‘Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas’ é menor ($Mdn_{CV} = 2$; $M_{CV} = 2.15$; $DP_{CV} = 1.90$) que nas crianças da amostra CN. Relativamente às ‘Fronteiras Rígidas/Relações Desligadas’, o valor de tendência central nas crianças da amostra CV é elevado ($Mdn_{CV} = 2$; $M_{CV} = 2.38$; $DP_{CV} = 2.26$), e cerca de 31% da amostra apresentou referências a este tipo de relação entre três e oito vezes ao longo da prova (Ver Tabela A.4).

Atendendo ao conjunto do protocolo, verifica-se que em nenhuma criança da amostra CN há preponderância de ‘Fronteiras Rígidas/Relações Desligadas’, dominando a tendência a reportar ‘Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas’. Na amostra CV revela-se ambas as tendências estão igualmente representadas: em cerca de cinco das crianças é dominante a referência a ‘Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas’ e, em igual número de crianças, é dominante a referência ‘Fronteiras Rígidas/Relações Desligadas’ (ver Tabela 8).

Assim, tendo em conta que esta categoria pretende avaliar o tipo de regras e limites impostos pelos pais, na amostra CN revelou-se uma tendência que reflete a diferenciação entre os subsistemas revelando uma distinção adequada ao nível das funções, regras, autonomia e independência. Na amostra CV, verificou-se maior

frequência de referência a fronteiras inadequadas, com distanciamento emocional, inflexibilidade ao nível de funções e regras e fraca interação entre os membros da família.

Tabela 7
Tendência das ‘Fronteiras’ nas Amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade ($N = 13$)		Amostra Normativa ($N = 13$)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Difusas/Relações Emaranhadas	0	0	0	0
Nítidas/Relações Equilibradas	5	39%	12	92%
Rígidas/Relações Desligadas	5	39%	0	0

Regulação Parental e Aceitação da Regulação

Esta categoria refere-se à adequação das práticas parentais, ou seja, os comportamentos específicos das figuras parentais, com o objetivo de regular o comportamento dos filhos.

A maioria das crianças da amostra CN (i.e., 69% da amostra) expressou, em valores médios, uma ‘Regulação Parental Adequada’ em cerca de 5 cartões ($Mdn_{CN}=5.00$; $M_{CN}=4.92$; $DP_{CN}=1.71$) e cerca de 31% da amostra identificou quatro ou mais situações de aceitação deste tipo de regulação parental. A referência a ‘Regulação Parental Inadequada’ ocorre episodicamente, ($Mdn_{CN}=1$; $M_{CN}=.69$; $DP_{CN}=.75$) e, no que refere ao comportamento global das crianças, verifica-se que, em todas as crianças, é dominante a referência à adequação das práticas parentais (ver Tabela A.5).

Na amostra CV verifica-se que o número de referências ao tipo de ‘Regulação Parental Adequada’ é menor ($Mdn_{CV}=2$; $M_{CV}=2.31$; $DP_{CV}=1.88$) e a referência ao tipo de ‘Regulação Parental Inadequada’ ocorre quatro ou mais vezes em cerca de metade da amostra ($Mdn_{CV}=3$; $M_{CV}=3.23$; $DP_{CV}=2.20$). Quanto à tendência para o tipo de ‘Regulação Parental’ esta foi ‘Inadequada’ em 69% da amostra CV (ver Tabela 8).

Relativamente à ‘Aceitação da Regulação Parental’, os participantes das duas amostras evidenciaram tendência similar para a ‘Aceitação da Regulação Parental’ o que significa que no decorrer da narrativa não evidenciaram manifestações de não aceitação das práticas parentais impostas pelos progenitores (ver Tabela 8).

Tendo em conta que esta categoria pretende avaliar a perceção que os filhos têm dos comportamentos específicos das figuras parentais, com o objetivo de regular o comportamento dos filhos, os dados revelam que na amostra CN as crianças identificam fundamentalmente as práticas parentais como adequadas e na amostra CV as crianças

identificam maioritariamente as práticas parentais como inadequadas. Contudo, ao nível da ‘Aceitação da Regulação Parental’ a generalidade das crianças, de ambas as amostras, revelaram tendência para a ‘Aceitação’.

Tabela 8
Tenência da ‘Regulação Parental’ parental e da ‘Aceitação’ nas amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade ($N = 13$)		Amostra Normativa ($N = 13$)	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
Regulação Adequada	4	31%	13	100%
Regulação Inadequada	9	69%	0	0
Aceitação da Regulação	10	77%	11	85%
Não Aceitação da Regulação	3	23%	2	15%

Clima Relacional

Nesta categoria, que diz respeito à qualidade da perceção das relações, quer familiares, quer da família com outras personagens das narrativas, as crianças das duas amostras revelam um comportamento distinto.

Na amostra CN, cerca de metade das crianças identificaram, em seis cartões ou mais, um ‘Clima Relacional Positivo’ ($Mdn_{CN} = 5$; $M_{CN} = 5.00$; $DP_{CN} = 2.00$). Houve também nesta amostra a referência a um ‘Clima Relacional Negativo’, cerca de metade da amostra identificou, quatro ou cinco vezes, um clima negativo ($Mdn_{CN} = 3$; $M_{CN} = 3.38$; $DP_{CN} = 1.04$) (ver Tabela A.6). Considerando não a frequência, mas a tendência dominante do comportamento na prova, verifica-se que em 54% desta amostra predomina a tendência para identificar um ‘Clima Relacional Positivo’ (ver Tabela 9).

Na amostra CV verifica-se que o número de referências ao tipo de ‘Clima Relacional Positivo’ é menor do que na amostra CN ($Mdn_{CV} = 3$; $M_{CV} = 3.38$; $DP_{CV} = 2.40$). No conjunto das 12 narrativas, 38% das crianças da amostra CV referiu quatro ou mais narrativas com ‘Clima Relacional Positivo’ e algumas crianças não elaboraram nenhuma narrativa com este tipo de clima relacional. Relativamente ao ‘Clima Familiar Negativo’, o número de referências foi maior nesta amostra do que na amostra CN ($Mdn_{CV} = 5$; $M_{CV} = 4.38$; $DP_{CV} = 2.40$), sendo que no conjunto das narrativas 69% das crianças referiu 5 ou mais narrativas em que o clima relacional foi negativo (ver Tabela A.6). A tendência dominante do comportamento das crianças desta amostra é a identificação do ‘Clima Relacional Negativo’ (ver Tabela 9).

No que diz respeito à tendência dominante de avaliação do ‘Clima Relacional’, embora predomine ‘Clima Relacional Positivo’ na amostra CN, não se verificou uma tendência claramente definida; na amostra CV está maioritariamente representada a tendência para ‘Clima Relacional Negativo’ (ver Tabela 9).

Estes valores indicam que na amostra CN há uma tendência dominante para perceber de forma positiva as relações familiares e as relações entre outras personagens, pois as narrativas revelaram a presença de indicadores de positividade relacional como o suporte emocional, a confiança nos outros, a união e a expressão de afetos e sentimentos positivos. Por outro lado, na amostra CV a tendência dominante foi para a percepção das relações familiares de forma negativa, ou seja para indicadores de negatividade relacional, como a ausência de suporte emocional, desconfiança dos outros, distanciamento emocional, rejeição e expressão de afetos e sentimentos negativos (ver Tabela 9).

Tabela 9
Tendência do ‘Clima Relacional’ nas amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)		Amostra Normativa (N = 13)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Clima Relacional Positivo	4	31%	7	54%
Clima Relacional Negativo	9	69%	6	46%

Maus Tratos

Na análise das narrativas elaboradas pelas crianças ao conjunto dos doze cartões, verificou-se uma maior frequência de referências à categoria geral de ‘Maus Tratos’ na amostra CV do que na amostra CN (ver Tabela A.7). Na amostra CN apenas uma criança identificou nas narrativas comportamentos alusivos a maus tratos, de tipo físico, ou seja, a restante amostra não fez referência a nenhum tipo de maus tratos ao longo da prova. Na amostra CV, seis crianças identificaram nas narrativas comportamentos alusivos a maus tratos físicos e cinco crianças identificaram comportamentos alusivos a maus tratos de tipo Negligência (ver Tabela 10).

Nesta categoria verificou-se que a tendência das crianças da amostra CN é para narrativas em que estão totalmente ausentes as referências a ‘Maus Tratos’ (92% da amostra), enquanto na amostra CV, cerca de metade da amostra (46%) refere a ‘Presença de Maus Tratos’. Deste modo, a narrativa indica, de forma explícita ou implícita, que a criança antecipa um comportamento de maus-tratos, físicos e/ou de negligência, ou que o mesmo está a ocorrer, por parte das figuras parentais.

Tabela 10

Tendência de 'Maus Tratos' nas amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade (<i>N</i> = 13)		Amostra Normativa (<i>N</i> = 13)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Presença de Maus Tratos (Total)	9	69%	1	8%
Ausência de Maus Tratos (Total)	4	31%	12	92%
Presença de Maus Tratos Físicos	6	46%	1	8%
Ausência de Maus Tratos Físicos	7	54%	12	92%
Presença de Maus Tratos Negligência	5	39%	0	0%
Ausência de Maus Tratos Negligência	8	62%	13	100%

Respostas Invulgares

No que refere à frequência de narrativas com elementos passíveis de serem codificados como conteúdos ou processos invulgares, verifica-se na amostra CN duas crianças, com uma narrativa cada, com elementos deste tipo. Na amostra de CV, 39% das crianças apresenta narrativas com conteúdos ou processos invulgares (ver Tabela 11), sendo que em algumas crianças tal ocorre entre uma e quatro vezes no total dos cartões (ver Tabela A.8).

Este tipo de respostas, quando ocorre, pode revelar a presença de importante sofrimento psicológico e de conflito interno pelo que se constitui um sinal com valor clínico para referência técnica e avaliação.

Tabela 11

Tendência de 'Respostas Invulgares' nas amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade (<i>N</i> = 13)		Amostra Normativa (<i>N</i> = 13)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Presença de Respostas Invulgares	5	39%	2	15%
Ausência de Respostas Invulgares	8	62%	11	85%

Tonalidade Emocional

Esta categoria avalia a tonalidade emocional presente na narrativa das crianças considerando o tipo de emoções atribuído a cada personagem ao longo da narrativa.

Na amostra CN destacou-se a o tipo de tonalidade emocional 'Ansiedade/Medo'. Nesta amostra, 77% das crianças referiu este tipo de 'Tonalidade Emocional' mais de duas vezes no total dos cartões. Salienta-se ainda nesta amostra a referência a 'Outro Tipo de Emoções' pois 46% da amostra referiu esta categoria entre dez a quinze vezes no total dos cartões. Na amostra CV destacou-se a subcategoria 'Ira/Hostilidade', 46% das crianças desta amostra referiram este tipo de Tonalidade Emocional entre duas a seis vezes no total dos cartões (ver Tabela 12).

Verifica-se como principais diferenças das crianças das duas amostras a frequência de identificação de ‘Tonalidade Emocional’, característica sobretudo representada na amostra CN ($Mdn_{CN}=19.00$; $M_{CN}=17.92$; $DP_{CN}=5.20$). Tal significa que as crianças da amostra CN, no total das narrativas, atribuíram mais facilmente emoções às personagens identificadas nos cartões.

Verifica-se também que há uma maior diversidade de emoções representadas por parte das crianças da amostra CN, já que para além das emoções discriminadas nas subcategorias relativas a tipos específicos de emoções, a relativa a ‘Outras Emoções’ tem valores médios superiores nesta amostra ($Mdn_{CN}=9.00$; $M_{CN}=9.38$; $DP_{CN}=3.73$). Este comportamento sugere uma maior facilidade destas crianças na expressão de um leque alargado de emoções, porventura de emoções positivas.

Tabela 12

Categoria ‘Tonalidade Emocional’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva

	Amostra de Vulnerabilidade ($N=13$)				Amostra Normativa ($N=13$)			
	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>Mdn</i> (<i>FAC</i>)*	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>Mdn</i> (<i>FAC</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)
Tonalidade Emocional (Total)	6	23	12 (54%)	12.15 (5.30)	8	24	19 (62%)	17.92 (5.20)
Depressão/ Tristeza	0	6	3 (62%)	3.00 (2.04)	0	5	3 (62%)	3.15 (1.35)
Alegria/Satisfação	0	8	2 (69%)	2.00 (2.18)	1	7	2 (62%)	2.77 (1.92)
Ira/Hostilidade	0	6	1 (54%)	2.00 (2.04)	0	3	0 (54%)	.85 (1.07)
Ansiedade/Medo	0	5	0 (54%)	.92 (1.50)	0	3	2 (23%)	1.69 (1.32)
Outras Emoções	0	8	4 (62%)	4.15 (2.15)	3	15	9 (54%)	9.38 (3.73)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Comunicação Verbal

Nesta categoria que pretende avaliar a qualidade da comunicação verbal na família, as duas amostras em estudo expressaram resultados diferentes. A análise das narrativas produzidas pelas crianças ao conjunto dos doze cartões, no que diz respeito à frequência do tipo de ‘Comunicação Verbal’, indica que a maioria das crianças da amostra CN, cerca de 77%, identificou até quatro cartões em que o tipo de comunicação verbal foi ‘Aberta/Clara’ ($Mdn_{CN}=4$; $M_{CN}=3.31$; $DP_{CN}=1.49$). Na amostra CV, quase metade da amostra (54%) não identificou nenhuma, ou apenas uma, narrativa com o tipo de comunicação verbal ‘Aberta/Clara’ ($Mdn_{CV}=1$; $M_{CV}=1.77$; $DP_{CV}=2.78$). A presença de narrativas com comunicação ‘Fechada/Confusa’ ocorre com uma igual frequência nas duas amostras ($Mdn_{CN}=1$; $M_{CN}=1.38$; $DP_{CN}=1.50$; $Mdn_{CV}=1$; $M_{CV}=2.23$; $DP_{CV}=2.77$) (ver Tabela A.9).

Verifica-se na amostra CN, uma tendência para o tipo de ‘Comunicação Verbal Aberta’ em 85% dos participantes e, na amostra CV, uma tendência dominante foi para o tipo de ‘Comunicação Verbal Fechada’ em 77% dos participantes (ver Tabela 13).

Deste modo, o estilo mais característico de comunicação na amostra CN é de expressão clara, aberta, direta e adequada de pensamentos, sentimentos e opiniões enquanto na amostra CV o mais característico o tipo de expressão emocional caracterizado pela expressão indireta, confusa e inadequada de pensamentos, sentimentos e opiniões.

Tabela 13
Tendência da ‘Comunicação Verbal’ nas amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)		Amostra Normativa (N = 13)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Comunicação Verbal Aberta/Clara	3	23%	11	85%
Comunicação Verbal Fechada/Confusa	10	77%	2	15%

Hierarquia Familiar

Esta categoria pretende caracterizar a funcionalidade da hierarquia familiar. No que diz respeito à frequência de identificação do tipo de hierarquia familiar ‘Congruente’, verifica-se que, na amostra CN, as crianças identificam-na entre sete e dez narrativas, sendo em 38% dos casos em 8 ou mais cartões ($Mdn_{CN} = 7$; $M_{CN} = 7.08$; $DP_{CN} = 1.85$). Nas crianças da amostra CV, a frequência de identificação do tipo de hierarquia familiar ‘Congruente’ é menor ($Mdn_{CV} = 5$; $M_{CV} = 4.92$; $DP_{CV} = 1.80$) (ver Tabela 14).

No que refere à tendência dominante de cada criança no conjunto dos cartões, não foram encontradas diferenças no comportamento das crianças das duas amostras em estudo. Todas as crianças da amostra CN revelaram tendência para o tipo de ‘Hierarquia familiar Congruente’ assim como todas as crianças da amostra CV. Estes dados revelam que tanto na amostra CN como na amostra CV predomina um tipo de hierarquia familiar em que o sistema parental está numa posição “superior”, os progenitores ocupam um papel de liderança com funções claras de controlo e/ou proteção dos filhos.

Tabela 14
Categoria ‘Hierarquia Familiar’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva.

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Hierarquia Familiar (total)	2	7	6 (77%)	5.23 (1.60)	3	12	7 (54%)	7.62 (2.29)
Congruente	1	7	5 (62%)	4.92 (1.80)	3	10	7 (62%)	7.08 (1.85)
Invertida	0	2	0 (77%)	.31 (.63)	0	1	0 (85%)	.15 (.38)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Legibilidade da História

Relativamente à forma como a história é narrada, em ambas as amostras as crianças revelaram tendência para a ‘Legibilidade Clara’. Na amostra CN apenas uma criança expressou ‘Legibilidade Confusa’ enquanto na amostra CV 46% da amostra expressou entre duas e sete vezes, na totalidade dos cartões, este tipo de legibilidade (ver Tabela 15).

No que refere ao tipo de resposta dominante de cada criança no conjunto dos cartões, os dados revelam que as duas amostras têm maior tendência para narrar as histórias de modo lógico e próximo do entendível (Tabela A.10).

Tabela 15

Categoria ‘Legibilidade da História’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Legibilidade Clara	4	12	11(77%)	9.92 (2.25)	1	12	12 (100%)	11.15 (3.05)
Legibilidade Confusa	0	7	1 (54%)	1.92 (1.98)	0	9	0 (93%)	.69 (2.50)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Resultados do Desenho da Família – Comparação das amostras em Estudo

Os resultados apresentados em seguida dizem respeito às produções gráficas e às narrativas elaboradas pelas crianças ao nível do *Desenho da Família* (DF). A apresentação dos resultados encontra-se dividida em quatro secções: Desenho; Narrativa; Sinais Críticos e Síntese Apreciativa Global.

Desenho

Tipo de Família Representada

Esta categoria pretende identificar, em função do pedido feito à criança, “imagina uma família e desenha-a”, o tipo de família que ela representa no desenho, nomeadamente se a família desenhada é idêntica à família real da criança ou se é diferente.

Nesta categoria a frequência de casos observados em cada uma das subcategorias foi similar em ambas as amostras, sendo a subcategoria ‘Outra Família ou Outro Tipo de Família’ a mais representada: na amostra CN em mais de metade das crianças (i.e., oito crianças das treze) e, na amostra CV, nove dos treze participantes também representam outro tipo de família. Apenas uma criança em cada amostra representou uma família coincidente com a sua, i.e., assumiu que era o desenho da ‘sua’ família (ver Tabela 16).

Os resultados expressam uma maior tendência das crianças, das duas amostras, em representar famílias diferentes das suas, i.e., famílias que não a sua, atual ou de origem. Este facto pode estar relacionado com o cumprimento da instrução que salienta o *imaginar uma família*; neste caso, as crianças da amostra assumem que a família é de facto para ser “imaginada” e por isso não representam, na maioria dos casos, a sua família real.

Na amostra CV, duas crianças desenharam, no mesmo desenho, duas famílias, uma de elementos humanos e outra de elementos de animais, apontando para particulares dificuldades em centrar-se numa família.

Figura de Identificação

Esta categoria pretende identificar qual a figura do desenho que a criança gostaria de ser, caso fizesse parte da família imaginada e desenhada. Perante esta pergunta, a maioria das crianças da amostra CN e da CV (sete crianças de cada uma das amostras) escolheu uma ‘Figura de Identificação de Identidade Próxima’. Houve ainda, na amostra CN, cinco participantes que referiram uma ‘Figura de Identificação Distante’ e apenas um dos participante referiu que gostaria de ser o ‘Próprio’. Na amostra CV, três participantes escolheram uma ‘Figura de Identificação Distante’ e três participantes responderam que gostariam de ser o ‘Próprio’ (ver Tabela 16).

Deste modo, as crianças das duas amostras representam-se a elas próprias no desenho mas não assumem que são elas, representando-se através de uma figura próxima em termos de sexo e de idade (figura com o mesmo sexo da criança e com uma idade próxima, i.e., com uma diferença não superior a dois anos face à idade real da própria criança).

Na amostra CN foi menos frequente as crianças identificaram-se com elas próprias no desenho do que na amostra CV, o que pode estar relacionado com a representação maioritária de uma família imaginada e, consequentemente, não se identificam com eles próprios. De facto, o tipo de Identidade Distante foi mais representado na amostra CN o que pode estar relacionado com maior aproximação às instruções da prova (ver Tabela 16).

Valorização das Figuras Desenhadas

Esta categoria diz respeito ao tipo de valorização que a criança faz de cada uma das figuras desenhadas, sendo que identifica o grau de investimento em cada uma delas,

investimento expresso através do tempo que dedica ao desenho de cada uma, dos detalhes que confere a cada figura e da ordem pela qual as desenha.

Relativamente à ordem pela qual as figuras foram desenhadas, verifica-se que na amostra CN a ‘Mãe’ surge como a primeira figura a ser desenhada por 46% das crianças, seguida pelo desenho do ‘Pai’ em 31% dos casos e por ‘Outra Figura’ em 15% dos casos. Na amostra CV, o elemento mais frequentemente desenhado em primeiro lugar é a ‘Outra Figura’ por 46% das crianças, seguida pela ‘Mãe’, em 39% dos casos, e pelo ‘Pai’ e pelo ‘Próprio’, apenas no caso de uma criança cada (8%) (ver Tabela 16).

Não é claro o sentido da diferença de comportamento das duas amostras, contudo, a prioridade, e talvez importância, atribuída à mãe pelas crianças do CN parece corresponder a alguma forma de idealização, sendo que esse papel é conferido a ‘Outro’ no CV.

Considerando a valorização das diferentes personagens, não só pela ordem pela qual foram desenhadas, mas também pela importância dos detalhes e do tempo envolvido em cada uma delas, verifica-se como mais significativo nas crianças da amostra CN que não há grande diferenciação na valorização de Mãe, de Pai ou de Outro, sendo mais distintivo o facto de o Próprio ter uma valorização neutra, i.e, nem muito nem pouco valorizado ao nível da atenção, dos detalhes ou do investimento no desenho.

Na amostra CV, o comportamento das crianças já é mais diferenciado, a mãe surge como elemento neutro ou o mais valorizado, enquanto o pai é um elemento neutro em 77% dos casos. De salientar ainda o facto de o Próprio ser o menos valorizado em cerca de um terço das crianças desta amostra (ver Tabela 16).

Investimento no Desenho

O tipo de Investimento no Desenho diz respeito ao grau de dedicação da criança na tarefa e se tal é adequado para a idade em causa. Nesta categoria, o comportamento das duas amostras foi diferente. Na amostra CN predomina um adequado ou significativo grau de investimento em 92% dos casos, enquanto na amostra CV um tipo de investimento no desenho Simplificado ou Apressado está presente em 46% dos casos (ver Tabela 16).

Assim, as crianças da amostra CN revelaram maior tendência para investirem no desenho o que pode identificar um maior conforto e agrado com a tarefa, enquanto as crianças da amostra CV parecem ter menor facilidade ou agrado em imaginar uma família e representá-la, daí a tendência a realizá-la de forma apressada e desinvestida.

Preocupação com o Cenário

Nesta categoria pretende-se identificar o tipo de investimento feito pela criança ao nível do cenário representado, sendo que as crianças das duas amostras em estudo revelaram comportamentos diferenciados.

Na amostra CN, a maioria das crianças (62%) centram-se diretamente na tarefa de desenhar pessoas sem valorizar particularmente um cenário específico, enquanto na amostra CV, a maioria delas (62%) introduziram outros elementos (e.g., objetos alusivos à família ou elementos relacionados com a natureza) descentrando-se da tarefa e valorizando particularmente o cenário. Esta necessidade de introduzir no desenho elementos não humanos pode estar relacionada com a dificuldade em desenhar a família (ver Tabela 16).

Tabela 16

Frequência das categorias do ‘Desenho’ na amostra CN e CV

Categoria		Amostra Vulnerabilidade (N=13)		Amostra Normativa (N=13)		
		Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem	
Tipo de Família	Coincidente	1	8%	1	8%	
	Equivalente	3	23%	4	31%	
	Imaginária	9	69%	8	62%	
Fig. de Identificação	Próprio	3	23%	1	8%	
	Próxima	7	54%	7	54%	
	Distante	3	23%	5	39%	
Figuras Desenhadas - Valorização	Mãe	Mais Valorizado	5	39%	2	15%
		Menos Valorizado	2	15%	4	31%
		Neutro	6	46%	7	54%
		1º a ser desenhado	5	39%	6	46%
	Pai	Mais Valorizado	2	15%	3	23%
		Menos Valorizado	1	8%	4	31%
		Neutro	10	77%	6	46%
		1º a ser desenhado	1	8%	4	31%
	Próprio	Mais Valorizado	0	0	0	0
		Menos Valorizado	4	31%	0	0
		Neutro	9	69%	13	100%
		1º a ser desenhado	1	8%	0	0
	Outro	Mais Valorizado	4	31%	5	39%
		Menos Valorizado	5	39%	4	31%
		Neutro	4	31%	4	31%
		1º a ser desenhado	6	46%	2	15%
Investimento no Desenho	Muito Simplificado ou Apressado	6	46%	1	8%	
	Adequado Investimento	4	31%	7	54%	
	Significativo	3	23%	5	39%	
Preocupação com o Cenário	Sem cenário específico	5	39%	8	62%	
	Introdução de elementos alusivos à família	3	23%	3	23%	
	Introdução de outros elementos	4	31%	2	15%	
	Insistência no Cenário	1	8%	0	0	

Narrativa

Tipo de Narrativa

Esta categoria pretende identificar o nível de elaboração por parte da criança da narrativa sobre a família. Verificou-se que, na amostra CN, cerca de metade da amostra das crianças verbalizou um tipo de ‘Narrativa Simplificada’ e outra metade apresentou uma narrativa mais elaborada que indicia maior nível de investimento. Na amostra CV o tipo de narrativa mais característico, em 77% dos casos, foi o de ‘Narrativa Simplificada’ (ver Tabela 17).

Deste modo, poderemos considerar que as crianças da amostra CV encararam a tarefa de modo menos investido, produzindo narrativas mais apressadas e pouco desenvolvidas. Estes resultados podem estar relacionados não só com o investimento na tarefa, mas também com a diferença de idades das crianças das duas amostras.

Perceção dos Cuidadores, do Próprio e de Outros

A presente categoria tem como objetivo avaliar a perceção que a criança tem dos cuidadores, de si próprio e dos outros através do tipo de características, positivas e negativas, que na narrativa atribui a cada uma das figuras.

Nas crianças da amostra CN revela-se uma Perceção da Mãe claramente positiva em 85% dos casos; apenas num caso há uma atribuição de características negativas e noutro de características neutras. De todas as figuras representadas e elaboradas na narrativa, a Mãe constitui aquela com uma tendência clara e maioritariamente percecionada com qualidades. Relativamente à Perceção do Pai, as crianças fizeram atribuições diversas, sendo maioritariamente positivas ou neutras e, em três casos, negativas. As atribuições relativas ao Próprio e a Outros são maioritariamente neutras, à semelhança do observado na análise do desenho (ver Tabela 17).

Na amostra CV, as crianças revelam tipos de perceção similares aos das crianças da amostra CN. A destacar como elemento diferenciador a valorização do Outro que, quando presente, são-lhe atribuídas características positivas por parte de 46% das crianças. Esta particular valorização de outras figuras vem no mesmo sentido do observado relativamente à produção gráfica e constitui um elemento de convergência a salientar.

Hierarquia Familiar

Esta categoria pretende identificar se o subsistema parental está numa posição “superior” liderando a família (Hierarquia Congruente) ou se, pelo contrário, os filhos ocupam um papel de liderança na família (Hierarquia Invertida).

Tanto na amostra CN como na amostra CV, as crianças evidenciaram um tipo de ‘Hierarquia Familiar Congruente’. Deste modo, todas as crianças das duas amostras evidenciaram na sua narrativa elementos que apontam para o papel de liderança dos pais, i.e para o tipo de ‘Hierarquia Familiar Congruente’ (ver Tabela 17).

Clima Relacional

Esta categoria pretende identificar o clima de proximidade entre os membros da família ou se a criança evidencia, ao longo da sua narrativa, sinais de distanciamento entre os membros da família ou mesmo de alheamento.

Na amostra CN a totalidade das crianças elaborou narrativas onde se evidencia um tipo de ‘Clima Relacional de Proximidade’ na família, expressando maioritariamente aspetos relacionados com o apoio afetivo, com o relacionamento estável e próximo entre os membros da família.

Na amostra CV, pelo contrário, apenas três crianças evidenciaram este tipo de clima relacional. Nesta amostra CV predominaram as narrativas (77%) com referências explícitas a um ‘Clima Relacional de Distanciamento’, com referência maioritárias a atributos relacionados com o afastamento a distância relacional entre os membros da família (ver Tabela 17).

Clima Familiar

No que diz respeito ao ‘Clima Familiar’, na amostra CN, a totalidade das crianças evidenciou um tipo de clima familiar positivo, enquanto na amostra CV apenas em cerca de metade da amostra foi possível identificar este tipo de clima familiar. Em cerca de metade da amostra é expresso um clima familiar onde predominam atributos negativos tanto no que se refere ao papel dos pais às vivências familiares (ver Tabela 17).

Tabela 17

Frequência das Categorias da Narrativa na amostra CN e CV.

Variável Avaliada			Amostra de Risco (N=13)		Amostra Normativa (N=13)	
			Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Tipo de Narrativa	Narrativa Simplificada		10	77%	7	54%
	Narrativa Investida		3	23%	6	46%
Percepção dos Cuidadores, do Próprio e de Outros	Mãe	Neutro	4	31%	1	8%
		Positivo	8	62%	11	85%
		Negativo	1	8%	1	8%
	Pai	Neutro	6	46%	5	39%
		Positivo	5	39%	5	39%
		Negativo	2	15%	3	23%
	Próprio	Neutro	10	77%	12	93%
		Positivo	2	15%	1	8%
		Negativo	1	8%	0	0%
	Outro	Neutro	4	31%	6	46%
		Positivo	6	46%	3	23%
		Negativo	3	23%	4	31%
Hierarquia Familiar	Congruente		10	77%	13	100%
	Invertida		0	0	0	0
Clima Relacional	Proximidade		3	23%	13	100%
	Distanciamento		10	77%	0	0
Clima Familiar	Clima Familiar Positivo		7	54%	13	100%
	Clima Familiar Negativo		6	46%	0	100%

Sinais Críticos

Na amostra CN os ‘Sinais Críticos’ estiveram presentes em apenas 8% da amostra enquanto na amostra CV estes foram evidentes em 77% das crianças.

Nesta amostra o tipo de sinais críticos mais presentes foram a ‘Omissão de membros ou partes do corpo em personagens específicas’, e o ‘Contraste acentuado do tamanho dos membros do corpo’ (presentes em 31% da amostra). Estes dois indicadores estão relacionados com os membros do corpo o que pode apontar para a desvalorização de determinadas personagens omitindo partes do corpo ou contrastando o tamanho destas. Também esteve presente nesta amostra o ‘Traçado excessivamente ténue ou carregado e reforçado’ (23%). Este sinal crítico pode refletir a disposição da criança e a tonalidade emocional presente durante a realização da tarefa. Os sinais críticos: ‘Riscar ou transformar personagens’, ‘Omitir membros/partes do corpo nas diversas personagens’, ‘Desenhar família de elementos não humanos’, ‘Desenhar figuras estranhas/grutescas’, e o ‘Contraste acentuado do tamanho das personagens’ estiveram

presentes em igual número na amostra CV. Todos estes sinais revelam a presença de conflito interno e/ou de sofrimento psicológico vivido pela criança (ver Tabela 18).

Tabela 18

Frequência dos Sinais Críticos nas amostras CN e CV.

	Amostra de Vulnerabilidade (N=13)		Amostra Normativa (N=13)	
	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>
Indicadores de Conflito (total)	10	77%	1	8%
Traçado excessivamente ténue ou carregado e reforçado	3	23%	0	0
Riscar ou transformar as personagens (e.g., em objetos, animais ou elementos do cenário)	2	15%	1	0
Omitir membros/partes do corpo nas diversas personagens	2	15%	0	0
Omitir membros/partes do corpo em personagens específicas	4	31%	0	0
Desenhar família de elementos não-humanos	2	15%	0	0
Desenhar figuras estranhas/grutescas	2	15%	0	0
Contraste acentuado do tamanho das personagens	2	15%	0	0
Contraste acentuado do tamanho dos membros do corpo	4	31%	0	0

Síntese Apreciativa Global

Produção Gráfica

A presente categoria constitui uma síntese da avaliação anteriormente realizada através das restantes categorias. Assim, esta categoria avalia de forma sumária o tipo de ‘Produção Gráfica’ realizado pela criança no conjunto dos elementos desenhados, avaliando se a produção gráfica é adequado para a sua idade ou se revela imaturidade e/ou indicadores de conflito.

O tipo de ‘Produção Gráfica’ realizada pelas crianças da amostra CN é predominantemente adequado à idade e nela não estão presentes indicadores significativos de conflito (85%). Em contrapartida, na amostra CV foi mais característico as crianças revelarem uma produção gráfica inadequada, revelando imaturidade e/ou outros sinais de conflito (77% da amostra) (ver Tabela 19).

Através da comparação das duas amostras, verifica-se que as crianças pertencentes à amostra CN apresentam um tipo de produção gráfica mais elaborado, sem indicadores de conflito e mais adequado à idade do que as crianças que pertencem à amostra CV. Estas, por sua vez, revelam um nível de produção gráfica pouco elaborado e desadequado para a idade.

Conteúdo da Narrativa

A categoria ‘Conteúdo da Narrativa’, pretende identificar a tendência global da narrativa no que respeita a indicadores de positividade ou negatividade, nomeadamente na atribuição de características positivas/negativas às personagens, na identificação de elementos positivos tanto no desenho como nas restantes descrições que são mencionadas na narrativa.

Na amostra CN todas as crianças evidenciaram uma ‘Tendência Positiva’ do conteúdo da Narrativa e na amostra CV apenas quatro dos participantes expressaram essa tendência. Assim, na amostra CV cinco crianças evidenciaram uma ‘Tendência de Narrativa Mista’ e quatro crianças evidenciaram um tipo de ‘Tendência Narrativa Negativa ou Neutra’.

Assim, parece haver uma dificuldade das crianças da amostra CV em expressar elementos da narrativa positivos acabando por prevalecer os aspectos negativos e neutros. A prevalência destes aspectos aponta para uma incapacidade das crianças da amostra CV em caracterizarem a família representada de forma positiva. Contrariamente, nas crianças da amostra CN foi evidente a capacidade de fazer uma representação da família que engloba indicadores de positividade relativos às personagens identificadas e a aspectos da dinâmica familiar (ver Tabela 19).

Tonalidade Emocional

Relativamente a esta categoria, na amostra CN, 92% dos participantes evidenciaram o tipo de ‘Tonalidade Emocional Positiva’ contra 31% dos participantes da amostra CV; nesta amostra o comportamento mais característico foi o tipo de ‘Tonalidade Emocional Negativa’ com 46% dos participantes a revelarem este tipo de tonalidade.

Deste modo, enquanto na amostra CN foi mais característico a ‘Tonalidade Emocional Positiva’, na amostra CV destacou-se a ‘Tonalidade Emocional Negativa e Neutra’. Tendo em conta que esta categoria, assim como as duas anteriores, pretende fazer uma análise global do teste, a Tonalidade Emocional aqui identificada engloba a avaliação feita do desenho e da narrativa. Assim, globalmente as crianças da amostra CN tendem a atribuir elementos positivos tanto às personagens desenhadas como ao longo da narrativa elaborada enquanto as crianças da amostra CV revelaram o predomínio de elementos negativos tanto associados ao desenho como ao longo da narrativa.

Tabela 19

Frequência das Categorias de Apreciação Global nas amostras CN e CV.

Variável Avaliada		Amostra de Vulnerabilidade (N=13)		Amostra Normativa (N=13)	
		Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
PRODUÇÃO GRÁFICA	Adequada à idade e indicadores de Conflito	3	23%	11	85%
	Não Adequada à idade e/ou indicadores de conflito	10	77%	2	15%
CONTEÚDO DA NARRATIVA	Tendência Positiva	4	31%	13	100%
	Tendência Negativa	1	8%	0	0
	Tendência Neutra	3	23%	0	0
	Tendência Mista	5	39%	0	0
TONALIDADE EMOCIONAL	Positiva	4	31%	12	92%
	Negativa	6	46%	0	0
	Neutra	3	23%	1	8%

Verificou-se na análise de resultados uma concordância entre as categorias analisadas no Desenho e as categorias analisadas na Narrativa das crianças das duas amostras. Assim, identificou-se um padrão semelhante entre o grau de investimento das crianças das duas amostras tanto na produção gráfica como na narrativa. Ou seja, as crianças que revelaram um tipo de investimento simplificado ou apressado na produção gráfica (maioritariamente crianças da amostra CV), também revelaram um tipo de narrativa simplificada, o que evidencia um nível reduzido de investimento nas duas componentes: Desenho e Narrativa. Contrariamente, nas crianças da amostra CN verificou-se um tipo de produção gráfica e de narrativa maioritariamente investido e adequado.

No que diz respeito ao nível de valorização das figuras desenhadas e à percepção que as crianças têm dos cuidadores, do próprio e de outros, foi também evidente a concordância entre a representação gráfica e a elaboração da narrativa. As representações dos cuidadores de ambas as amostras foram similares tanto no desenho como na narrativa.

Assim, a análise global do desenho e da narrativa realizadas pelas crianças das duas amostras aponta para uma maior dificuldade em desenhar uma família nas crianças da amostra CV do que nas crianças da amostra CN. Algumas das categorias evidenciam esta dificuldade tais como: a opção por desenhar outra família ou outro tipo de família; o investimento simplificado ou apressado do desenho; a introdução de outros elementos para além da família no desenho; a tendência para uma narrativa simplificada; o tipo de produção gráfica maioritariamente inadequado; e a presença de sinais críticos. As

crianças da amostra CN parecem encarar esta tarefa com maior à vontade e de forma mais investida. Assim, nesta amostra o tipo de narrativa foi maioritariamente investido assim como o desenho; a presença de sinais críticos foi reduzida; a produção gráfica foi adequada para a idade e a tonalidade emocional foi maioritariamente positiva. Estas categorias evidenciam uma maior facilidade por parte das crianças desta amostra na realização da tarefa pedida e na representação de família.

Análise dos Resultados conjuntos do FAT e do *Desenho da Família*

A análise que se apresenta seguidamente está centrada na articulação dos resultados dos dois testes utilizados, procurando identificar a convergência e/ou complementaridade dos dados obtidos em cada uma das duas amostras.

Deste modo, procedeu-se a um cruzamento dos resultados das categorias globais do FAT (i.e., Conflito Aparente, Resolução de Conflito, Modalidades Relacionais e Regulação Parental) com as categorias que fazem parte da síntese apreciativa global do *Desenho da família* (i.e., Produção Gráfica, Tonalidade Emocional, Conteúdo da Narrativa e Sinais Críticos).

No que diz respeito à *representação do conflito* no FAT verifica-se, em ambas as amostras, que tal está associado negativamente à ausência de *sinais críticos* no Desenho da Família (DF): as crianças sem sinais críticos no DF têm tendência a representar conflito no FAT (ver Tabela A.11). De modo convergente, verifica-se que, na amostra CN, a *representação de conflito* no FAT surge associada positivamente à *tonalidade emocional positiva* no DF. Estes resultados vão no sentido normativo, i.e., a identificação de um conflito, perante estímulos que o suscitem, será um sinal positivo de capacidade de reconhecimento e elaboração das tensões nas relações familiares (ver Tabela A.12).

No que respeita à *resolução de conflito* no FAT, verifica-se que a tendência de *resolução positiva* mostra-se associada à *tonalidade emocional positiva* no DF na maioria das crianças da amostra CN. Na amostra CV, a tendência de *resolução negativa do conflito* surge associada à *tonalidade emocional negativa* ou *neutra* no DF (ver Tabela A.13). Estes dados sugerem uma relação entre a capacidade de resolução de conflito e a vivência emocional, sendo esta relação de valência positiva no CN e de valência negativa na CV.

Quando a *resolução de conflito* do FAT é analisada com a par dos *sinais críticos* do DF, verifica-se uma estreita associação positiva entre as variáveis a qual é distintiva das

duas amostras. Na amostra CV, sete das treze crianças apresentam *resolução negativa* associada a presença de *sinais críticos* e a uma *produção gráfica inadequada* à idade, havendo apenas uma criança em que a *resolução positiva* está associada à ausência de *sinais críticos*. Na amostra CN, a associação entre estas variáveis é também estreita, mas de valência positiva: em onze das treze crianças, a *resolução positiva* do conflito está associada à ausência de *sinais críticos* e a uma produção gráfica adequada à idade no DF (Tabela A.14).

A *resolução de conflito* do FAT apresenta também uma associação com a *narrativa de conteúdo positivo* no DF. Na amostra CN, todas as crianças que apresentaram uma *resolução positiva* apresentam também uma *narrativa positiva*, enquanto na amostra CV, quando a *resolução de conflito* é *negativa*, também o *conteúdo da narrativa* é *negativo* ou *neutro* (Tabela A.15).

Relativamente às *respostas invulgares* no FAT, estas revelam-se associadas aos *sinais críticos* no DF, sobretudo na amostra CN: quando ausente a primeira, também ausente estão os outros. Na amostra CV, a ausência de *respostas invulgares* está associada à ausência de *sinais críticos* apenas em metade da amostra – i.e., o facto das crianças não darem respostas invulgares no FAT não significa que não haja sinais críticos no DF (ver Tabela A.16).

A análise das categorias similares em ambos os testes indica também alguns sinais de convergência que passamos a destacar. O ‘*Clima Relacional*’ do FAT e o correspondente no DF revelam dados congruentes entre si e diferenciadoras das duas amostras. Na amostra CN, a maioria (sete) das crianças que indicaram uma ‘*Tendência de Clima Relacional Positivo*’ no FAT evidenciaram no DF um ‘Clima Relacional Positivo’ e de ‘Proximidade’. Já na amostra CV, nove das 13 crianças identificaram uma ‘*Tendência para Clima Relacional Negativo*’ no FAT e um ‘*Clima Relacional de Distanciamento*’ no DF (ver Tabelas A.17 e A.18). No que respeita ao ‘*Clima Familiar Negativo*’ o número de casos em que ocorreu é baixo pelo que a análise carece de significado.

Já a variável *Tonalidade Emocional* do FAT e do DF não se revelam associadas na amostra CN. Contudo, em cerca de metade da amostra CV a ‘*Tonalidade Negativa*’ do FAT esteve associada à categoria similar no DF (ver Tabela A.19 e A.20).

As categorias relativas às modalidades relacionais nos dois testes revelaram também uma fraca convergência. Na amostra CN: nenhuma criança representou a Mãe como ‘Agente Aliado’ no FAT a par da maior valorização no DF; e, em apenas três casos, a

Mãe foi a figura menos valorizada ao nível gráfico e foi representada no FAT como ‘Agente Stressor’. Na amostra CV, num caso apenas a Mãe é a figura mais valorizada no desenho e é representada como ‘Agente Aliado’ no FAT (ver Tabela A.21).

No que diz respeito às restantes figuras (Pai e Outro) não há uma convergência da informação veiculada pelas variáveis dos dois instrumentos. Assim, as representações que as crianças fazem dos progenitores ao nível do desenho são diferentes das representações feitas dos cuidadores ao nível da narrativa; a informação dos testes afigura-se, contudo, complementar (ver Tabelas A.22 e A.23).

A análise destes resultados aponta para a especificidade das técnicas, mas permite também concluir que o comportamento global das crianças no FAT e no DF tem pontos de convergência e de complementaridade. Por outro lado, é de salientar uma maior convergência do comportamento das crianças da amostra CN do que das da amostra CV.

Representações do *Self*

No que diz respeito à representação de *Self* no DF, nas duas amostras foi possível identificar uma tendência para a representação da figura do próprio como ‘Neutra’ e uma representação ‘Negativa’ por um terço das crianças da amostra CV. Assim, ao nível da representação gráfica as crianças de ambas as amostras fizeram uma representação de si próprias que carece de atributos e características positivas. Estes resultados podem ilustrar a dificuldade das crianças em representarem-se a si próprias.

Relativamente à análise qualitativa que foi realizada ao cartão 20 do FAT, cartão que solicita uma narrativa em torno da forma como a criança se vê a si própria, também foi possível identificar um comportamento distinto por parte das crianças das duas amostras. A principal diferença encontrada foi ao nível da abordagem do conteúdo manifesto e do conteúdo latente do cartão. As crianças da amostra CN abordaram, na sua maioria, diretamente o conteúdo latente do cartão contrariamente às crianças da amostra CV que se focaram principalmente no conteúdo manifesto, o que é revelador da dificuldade destas em falarem de si próprias, analisando o cartão apenas a um nível de atributos externos, como o vestuário ou a aparência.

Das crianças da amostra CN apenas duas evidenciaram a presença de elementos críticos enquanto na amostra CV oito crianças expressaram estes elementos. A presença destes remete para a dificuldade extrema na elaboração da narrativa e a fuga para temas diversos e alheios por parte das crianças da amostra CV. As crianças das duas amostras

revelaram tendência para identificar atributos físicos de aparência e de atratividade, não havendo diferenças nas duas (12 crianças da amostra CV e 10 crianças da amostra CN referem este tipo de atributos). No que refere a atributos psicológicos, nas crianças da amostra CN foram referidos com maior frequência competências pessoais positivas e adaptativas (i.e., Satisfação; Desejo de mudança; Confiança; Vaidade; Alegria em crescer.), sendo que estas foram evidenciadas por sete crianças da amostra. Contrariamente, na amostra CV destacaram-se atributos psicológicos maioritariamente negativos bem como dificuldades em lidar com a imagem de si (i.e., Rejeição; Isolamento; Ofensa; Solidão; Infelicidade; Insatisfação; Culpabilidade) uma vez que sete crianças do total da amostra salientaram este tipo de atributos. Estes resultados revelam, por parte das crianças da amostra CV, uma maior dificuldade em identificar recursos e competências pessoais de âmbito moral, relacional e emocional que lhes permitam lidar com as dificuldades associadas à representação que fazem de si próprios.

Também no que refere à tonalidade emocional presente neste cartão, na amostra CN oito crianças revelaram uma tonalidade emocional positiva ou neutra e na amostra CV oito crianças revelaram um tipo de tonalidade emocional negativo. Este tipo de tonalidade emocional pode estar também associado à representação negativa que as crianças fazem de si próprio por parte das crianças da amostra CV.

Por fim, em ambas as amostras foi comum a referência a outras personagens, com a particularidade que, na amostra CN, estas personagens são maioritariamente referidas como aliados e representados na figura da mãe e de amigos, em sete das treze crianças, e na amostra CV estas personagens são maioritariamente referidas como agressores e rivais, representados na figura da mãe, pai ou pares. Estes resultados revelam que, perante a dificuldade das crianças da amostra CV em falar de si próprias, os outros que as rodeiam desempenham um papel de stressores e não de aliados.

4. Discussão

Neste capítulo, pretende-se retomar o objetivo geral do estudo e discutir as especificidades das representações de Família e de *Self* de crianças que vivem em contextos de vulnerabilidade. Pretendemos assim dar resposta à questão geral colocada: *Haverá diferenças entre as Representação de Self e de Família em crianças que vivem em diferentes contextos familiares?*

Para tal foram estudadas duas amostras, uma de crianças que vivem em contexto familiar normativo e uma de crianças que vivem em contexto familiar de vulnerabilidade, recorrendo a dois instrumentos: *Family Apperception Test* e o *Desenho da Família*. Passamos a destacar os resultados mais salientes, explorando as principais diferenças e semelhanças nas amostras quanto às Representações de Família e Representações de *Self*.

A caracterização das especificidades do comportamento das crianças assenta na comparação dos dois contextos estudados, considerando que a amostra do contexto normativo traduzirá o sentido mais comum e adaptativo das crianças. Esta atribuição de sentido a que procedemos impõe-se neste estudo, porque por um lado ele é de cariz exploratório e, por outro, utiliza provas que não dispõem de dados normativos que orientem a interpretação num sentido mais específico.

Representações de Família

No presente estudo encontramos evidências de que as crianças do contexto normativo tendem a representar um número reduzido de conflitos no FAT, i.e., um número inferior ao número de cartões. Contudo, o comportamento global destas crianças é para apresentarem *resoluções positivas*, revelando assim estratégias eficazes para pôr termo às situações de tensão interpessoal no seio da família. Nestas crianças predominou também um tipo de *comunicação aberta e clara*, o que significará que estas crianças antecipam este como um modo mais característico de expressar pensamentos, sentimentos e opiniões. Estes dados vão ao encontro da literatura que salienta que expressar emoções de forma clara e adequada ocorre sobretudo em ambientes familiares acolhedores e que apoiam os seus membros; o tipo de comunicação estabelecida entre os membros de uma família é portanto um indicador da saúde ou da disfuncionalidade das famílias (Osion, 2000; Walsh, 2005; Nichols e Schwartz, 2007).

Na amostra normativa, a totalidade das crianças considerou as práticas parentais adequadas e evidenciou tendência para a aceitação dessas práticas. Também no que

refere ao tipo de fronteiras estabelecidas, nesta amostra, as crianças evidenciaram uma tendência dominante para o tipo de fronteiras nítidas com relações equilibradas. Estes resultados estão de acordo com Minuchin (1982) refere que são necessárias fronteiras claras para que a família funcione de forma adequada.

No que refere à representação dos cuidadores, perante situações de conflito, as crianças desta amostra representaram no FAT os dois progenitores como fonte de stress. No *Desenho da Família* (DF), a figura mais valorizada, em termos de representação gráfica, foi a mãe e no que refere ao nível de detalhe, de tempo e de pormenores da representação, verificou-se que tanto o pai como a mãe foram representados de forma neutra. Relativamente à representação dos progenitores na narrativa do DF, a valorização de cada uma das figuras foi semelhante à da produção gráfica, com a única diferença que a mãe é mais valorizada na narrativa. Assim, as crianças desta amostra revelaram uma perceção dos cuidadores positiva ou neutra o que reflete um relacionamento saudável e uma proximidade afetiva destas figuras. Esta proximidade torna-se evidente na atribuição de características positivas aos progenitores em ambos os instrumentos. Destacou-se também uma tendência para um clima relacional de proximidade nesta amostra, o que vai novamente ao encontro do relacionamento afetivo e saudável evidenciado pelas crianças.

Ainda relativamente ao DF, as crianças da amostra de contexto normativo revelaram facilidade e investimento adequado na tarefa de representação gráfica de uma família, uma vez que estas: se centraram na tarefa pedida; desenharam maioritariamente uma família, sem derivar a atenção para aspectos substitutivos ou secundários (e.g., cenário); investiram significativamente o desenho; elaboraram narrativas com conteúdos e tendencialmente positivos; e o número de sinais críticos no teste foi marginal.

Globalmente, os dados obtidos com os dois testes indicam que as crianças pertencentes ao contexto Normativo têm facilidade em representar uma família e esta representação é tendencialmente positiva evidenciando sinais de proximidade relacional, suporte afetivo, resolução positiva de conflitos e representações positivas dos cuidadores.

Na amostra de vulnerabilidade, i.e., de crianças que vivem em contexto familiar de vulnerabilidade, os resultados obtidos permitem identificar características diversas, algumas próximas das características das crianças do contexto normativo, outras diferentes e que importa salientar.

As crianças desta amostra apresentam um reduzido número de conflitos nas narrativas do FAT o que sugere dificuldades, não só na representação da tensão decorrente de relações interpessoais, mas também na elaboração dos problemas ou conflitos relacionais familiares. Sabendo que todas estas crianças têm um percurso de vida com importantes fatores de risco e que vivenciam, atualmente, problemas de nível emocional e comportamental, razão pela qual beneficiam de acompanhamento psicológico, o sentido deste resultado é deveras importante. O número de conflitos representado não indicará ausência de problemas nas relações familiares, indicará sim dificuldade em ‘falar sobre eles’. E perguntamo-nos se a impossibilidade de ‘falar sobre as tensões e dificuldades no seio da família’ não constituirá um problema acrescido em termos de saúde mental.

Verificou-se também que estas crianças elaboraram narrativas que representam um clima relacional tendencialmente negativo e distante com predomínio de regulação parental inadequada, e um tipo de comunicação tendencialmente fechada e confusa, características teoricamente associadas à vivência de situações de conflito (Ross & Hill, 2000).

As dificuldades apontadas anteriormente na representação do conflito não estão aqui tão presentes, pois estas características são codificadas a partir de elementos subtis da narrativa e não têm a mesma visibilidade para as crianças.

A comunicação fechada e confusa foi também uma das características diferenciadoras destas crianças face às da outra amostra. A clareza na comunicação é um fator importante na resiliência das famílias (Walsh, 2005) e, neste caso, os resultados encontrados não vão num sentido positivo. Estas crianças evidenciaram também tendência para um ambiente familiar onde predominam as relações distantes em termos afetivos entre os membros da família e um tipo de resolução de conflitos negativos, o que é revelador da disfuncionalidade vivida neste tipo de ambiente familiar (Olson, 2000; Walsh, 2005; Nichols e Schwartz, 2007).

No que se refere à capacidade de resolução de conflito, as crianças da amostra do contexto familiar de vulnerabilidade revelaram dificuldade em identificar estratégias eficazes e tenderam a apresentar resoluções negativas ou ausência de resolução para os conflitos representados, admitindo que estes se podem reproduzir. Como referido na literatura, o mais importante não será a existência de conflitos, mas sim a capacidade de os resolver. Assim, o comportamento destas crianças no sentido da resolução negativa ou da não-resolução dos conflitos relaciona-se diretamente com perceção por parte da

criança de incapacidade da família lidar com os conflitos que surgem (Breitman e Porto, 2001) e sugere a disfuncionalidade do funcionamento familiar.

No que respeita às modalidades relacionais, as crianças desta amostra têm tendência para, perante situações de conflito no FAT, representarem os progenitores como uma fonte de stress. Contudo, houve um elevado número de referências na categoria ‘Outro’ referindo-se especificamente a irmão/irmã como agente stressor e também como agente aliado. Relativamente à valorização das figuras representadas no DF, o facto de ‘Outros’ elementos serem desenhados maioritariamente em primeiro lugar será também um indicador da importância e significado dessas figuras na representação de família. No que se refere à importância dos detalhes e ao tempo dedicado à representação de cada uma das figuras no DF, verificou-se que as crianças representaram a mãe como a figura mais valorizada e o pai foi maioritariamente representado como neutro. Observou-se, tanto no FAT como no DF, uma tendência das crianças desta amostra para a idealização de uma figura que não existe na família real da criança e que pode representar uma transferência de papéis ou uma fonte compensatória de amor e afeto. No caso do FAT, uma vez que apenas três crianças têm irmãos na vida real e as restantes são filhos únicos, esta idealização foi identificada na representação do Irmão/Irmã como aliado e stressor. Também a representação do pai enquanto figura neutra, tendo em conta que oito das treze crianças foram abandonadas e negligenciadas por parte do pai, pode estar associada ao facto de estas não terem uma representação clara desta figura e por isso lhes seja difícil representá-la acabando por o fazer de forma pouco valorizada ao nível dos detalhes. A ausência de um dos progenitores ou a separação destes tem sido estudada na literatura como um fator desestabilizador para as crianças (Stadelmann, Perren, Groeben & Klitzing, 2010). Estes resultados podem também estar associados ao facto de a maioria das crianças desta amostra viverem apenas aos cuidados da mãe e sofrerem de negligência por parte desta. Assim, este fator pode ser explicativo da representação da mãe como menos valorizada e substituída pela valorização do ‘Outro’, uma vez que a mãe, ao ter uma atitude negligente, pode ser percecionada como incapaz de satisfazer as necessidades da criança.

Esta representação pode estar relacionada ainda com a presença de referências, por parte das crianças desta amostra, a maus tratos físicos e a maus tratos do tipo negligência. Tal como discutido no enquadramento teórico, em estudos sobre as representações dos cuidadores principais, a literatura tem encontrado evidências que apoiam a hipótese de que as experiências de situações de maus tratos na infância têm

impacto nas representações negativas do *Self* e dos cuidadores (Toth, Cicchetti, Macfie, & Emde, 1997). Assim, esta necessidade das crianças de contexto de vulnerabilidade transferirem a valorização e importância dos cuidadores para a figura do outro ou de um irmão, pode ser explicada pelas situações de negligência (quer do pai quer da mãe) vividas por dez das crianças desta amostra.

Contudo, os resultados não vão literalmente neste sentido, pois as crianças da amostra de contexto de vulnerabilidade não evidenciaram tendência para representar a mãe de forma negativa. O facto de vivenciarem experiências de negligência e/ou abandono por parte dos progenitores não se refletiu diretamente na representação negativa destes. As situações de sofrimento vividas por estas crianças não se expressam diretamente, pela via verbal, em narrativas sobrecarregadas de aspetos negativos em relação aos progenitores, nomeadamente à mãe.

Já a narrativa elaborada pelas crianças de contexto de vulnerabilidade no DF, revelou maior tendência para indicadores de negatividade relacional, como a ausência de suporte emocional em situações em que tal seria esperado, a desconfiança dos outros, o distanciamento emocional, a rejeição e a expressão de afetos e sentimentos negativos. A literatura (Dessen & Polonia, 2007; Moos & Moos, 1994 cit. por Vianna, Silva, & Souza-Formigoni, 2007) refere o importante papel do ambiente familiar e das relações positivas entre os membros da família no desenvolvimento da criança e na capacidade para enfrentar situações de desequilíbrio e de conflito. Assim, um clima de distanciamento vivido pelas crianças desta amostra pode ser explicativo das dificuldades na resolução de conflitos como anteriormente indicado.

No que refere à adequação das práticas parentais, i.e., aos comportamentos específicos dos pais no sentido de regular o comportamento dos filhos, verificou-se que na amostra de vulnerabilidade a maioria das crianças considerou-o inadequado, não obstante evidenciarem tendência para aceitar o tipo de regulação imposto pelos pais. Esta tendência para a aceitação, mesmo de comportamentos inadequados dos progenitores, pode indiciar falhas ao nível da integração de regras e normas relacionais satisfatórias. O mesmo tipo de falhas pode acontecer quanto ao modelo de comunicação na família. Observou-se um predomínio nesta amostra para a comunicação verbal fechada e confusa, havendo uma dificuldade das crianças em expressarem as suas emoções e opiniões. No que refere ao tipo de fronteiras, nas narrativas estavam representadas fronteiras nítidas mas também fronteiras rígidas associadas a relações desligadas, sinal de que a comunicação entre os subsistemas pode estar a falhar e,

consequentemente, a criança e a família carecem de mecanismos adaptativos para solucionar os conflitos (Nichols & Schwartz, 2007).

Relativamente ao *Desenho da Família (DF)*, as crianças que vivem em contexto de vulnerabilidade, revelaram de um modo global dificuldades diversas na representação da família: o grau de investimento no desenho foi reduzido, sugerindo desconforto com a tarefa e/ou com o pedido específico; houve uma maior preocupação com o cenário, o que pode ser visto como uma forma da criança se “descentrar” da família e se apoiar em elementos acessórios; o conteúdo da narrativa das crianças foi tendencialmente negativo, i.e., as personagens foram representadas maioritariamente com características negativas; e houve a presença de sinais críticos no desenho (numa frequência superior à observada na amostra normativa) que indicia conflito ou sofrimento psicológico eventualmente associado à temática familiar.

No que refere às semelhanças encontradas nas amostras em estudo relativamente às representações de família, começamos por destacar as representações dos cuidadores. As crianças das duas amostras representaram os cuidadores como agentes stressores perante situações de conflito nas narrativas elaboradas no FAT. A representação da mãe nas narrativas elaboradas no DF também foi semelhante, tendo sido positiva nas duas amostras. Verificou-se uma semelhança na representação gráfica do pai uma vez que nas duas amostras este foi representado de forma neutra. Deste modo, as semelhanças em termos de representações positivas nas duas amostras foram mais evidentes do que as diferenças em termos de representações negativas e neutras.

Outro fator comum nas duas amostras foi a tendência para representar a hierarquia familiar como congruente, com o subsistema parental representado com funções de liderança. O tipo de família representada e a figura de identificação foi também semelhante nas amostras, tendo sido representada maioritariamente outra família ou outro tipo de família e um tipo de figura de identificação próxima da criança. Estes resultados revelam, nas duas amostras, um distanciamento do próprio no DF, uma vez que nem as crianças do contexto normativo nem as do contexto de vulnerabilidade representaram a sua família de origem e nem se representaram a eles próprios no desenho.

Representações de *Self*

Relativamente à representação de si no DF, identificou-se, tanto no contexto de vulnerabilidade como no normativo, uma tendência para as crianças se representarem de

forma neutra e, em alguns casos, como negativa. Estes resultados estão de acordo com a literatura uma vez que os estudos encontrados apoiam a hipótese de que as experiências de situações de maus tratos na infância têm impacto nas representações negativas do *Self* (Toth, Cicchetti, Macfie, & Emde, 1997). Esta evidência está de acordo com a representação que as crianças do contexto de vulnerabilidade fizeram de si próprias, uma vez que estas são mais suscetíveis a situações de maus tratos.

Contudo, tal não explica o facto das crianças do contexto normativo elaborarem igualmente uma representação de si neutra. Os resultados sugerem que, face à tarefa e à instrução, estas crianças não se tomam como o centro da representação; elas valorizam ou desvalorizam outros elementos, centram-se sobretudo ‘na família’.

Na análise dos conteúdos das narrativas ao cartão do FAT mais diretamente relacionado com a representação do *Self*, o cartão 20 (Espelho), verificou-se nas crianças que pertencem ao contexto normativo, uma maior facilidade em partir do conteúdo manifesto do cartão e elaborarem o sentido latente da imagem. De um modo geral, as crianças desta amostra identificaram personagens com uma autoimagem e uma perceção pessoal maioritariamente positiva. Estas crianças revelaram uma representação do *Self* relativamente equilibrada, com referência a: elementos descritivos, mais ao nível da aparência física e dos aspectos externos (i.e., vestuário ou aparência), mas também atributos psicológicos; elementos avaliativos essencialmente positivos e num tom emocional adequado; apreciação por parte de terceiros relativamente ao próprio, sendo que estes são representados sobretudo como aliados na valorização pessoal.

Relativamente às crianças que vivem em contexto de vulnerabilidade, foi evidente uma dificuldade na representação de si. Destaca-se o foco dado ao conteúdo manifesto do cartão, as narrativas centradas fundamentalmente nos atributos físicos, no corpo, no vestuário e na aparência externa, com dificuldade em caracterizar atributos psicológicos. As narrativas foram mais descritivas e o tom emocional foi maioritariamente negativo ou neutro. As referências de terceiros sobre o próprio, foram maioritariamente de desvalorização ou crítica, vivenciados pelas crianças como fontes de stresse ou de ameaça. Nesta amostra as representações de *Self*, consideradas globalmente, não se evidenciam como equilibradas e satisfatórias.

Relação entre Representações de *Self* e de Família

Ao analisar o cruzamento dos dados globais relativos à representação de *Self* e de Família, podemos verificar pontos importantes de convergência (i.e., com os dados dos

dois testes a proporcionarem informação no mesmo sentido) e de complementaridade (i.e., com os dados dos dois testes a proporcionarem informação diversa mas complementar). Na amostra de crianças em contexto normativo, a representação de *Self* foi mais equilibrada, sendo que as crianças evidenciaram uma auto imagem e percepção pessoal maioritariamente positiva, assim como na representação de família identificaram competências adequadas de resolução de conflito, um clima relacional tendencialmente positivo e um tipo de hierarquia familiar congruente que apontam para a funcionalidade e equilíbrio familiar. O que sugere que contextos familiares adequados serão propiciadores a um processo de construção do *Self* equilibrado e uma identidade pessoal realista e satisfatória.

No que refere às crianças que vivem em contexto de vulnerabilidade, a representação do *Self* foi particularmente marcada pela dificuldade em falarem de si e em fazerem uma avaliação positiva de si próprias. Também nas representações de família estas crianças evidenciaram dificuldades em representar uma família e as tensões vividas nas relações interpessoais, em abordar conflitos e a sua resolução, para além de evidenciarem sinais de desconforto ou mesmo de conflito e de sofrimento psicológico.

Estes dados apontam para a especificidade das técnicas utilizadas e para a potencial complementaridade. Contudo, a natureza exploratória do tipo de análise efetuado e as limitações das amostras em estudo obrigam a prosseguir e aprofundar o sentido destes resultados.

5. Reflexões Finais

Resultados mais Salientes

Na presente investigação foram encontradas diferenças no que diz respeito às Representações do *Self* e de Família em crianças que vivem em contexto normativo e crianças que vivem em contexto de vulnerabilidade.

Foi evidente no contexto de vulnerabilidade uma maior dificuldade na representação de *Self* e de Família. Esta dificuldade pode estar associada: à evidência de dificuldades em representar conflito quando este era sugerido; à incapacidade de identificar estratégias de resolução de conflito positivas; à predominância de uma representação dos cuidadores neutra; à evidência de sinais de conflito e de sofrimento psicológico; e à dificuldade em falar sobre si e em representar características positivas associadas ao próprio. A evidência de dificuldades por parte destas crianças na Representação de Família não está apenas no reduzido número de conflitos representados no FAT mas essencialmente na incapacidade de os resolver positivamente. Destaca-se nestas crianças uma dificuldade em expressar aspectos negativos, não só no que respeita ao ambiente familiar, mas concretamente na representação dos cuidadores e do próprio. O registo neutro foi o mais representado por estas crianças o que revela que o sofrimento por elas vivenciado é internalizado. Assim, estes dados sugerem a presença de problemas de internalização uma vez que, o facto de não identificarem os conflitos ou não assumirem representações negativas não minimiza o sofrimento por elas vivido e pode ser apenas uma fuga.

No que diz respeito à amostra normativa, houve uma maior facilidade nas representações de família, tanto ao nível da narrativa como da produção gráfica. As crianças desta amostra não revelaram sinais disfuncionais nem de negatividade na representação do *Self* e de família.

Uma das conclusões mais salientes da presente investigação é a conclusão de que o comportamento global das crianças das duas amostras no *Family Apperception Test* e no *Desenho da Família* revela pontos de convergência (i.e., há semelhança entre os dados recolhidos nos dois) e de complementaridade (i.e., os dados fornecem informação diferente mas complementar). De salientar que houve maior convergência do comportamento das crianças da amostra de contexto normativo do que das crianças da amostra de contexto de vulnerabilidade.

Limitações da Investigação

Destaca-se como limitações da presente investigação, em primeiro lugar, as dimensões das amostras em estudo uma vez que estas contaram apenas com treze crianças cada. Para além das dimensões, outra limitação foi as diferenças entre as duas amostras, nomeadamente na heterogeneidade destas em termos de idade e de sexo. Ao nível da idade, o facto das crianças da amostra de contexto normativo pertencerem, maioritariamente, a uma faixa etária superior às crianças da amostra de crianças em contexto de vulnerabilidade, é uma limitação que pode ter influenciado os resultados encontrados.

A ausência de sistemas estáveis de cotação do *Desenho da Família* é uma limitação que teve impacto neste estudo e que se torna prejudicial para a investigação.

Outra limitação do presente estudo é o facto de, uma vez que este é o primeiro estudo finalizado que utiliza o instrumento do FAT na população portuguesa, não existem dados normativos. A ausência destes dados revelou-se prejudicial para a presente investigação uma vez que não houve dados comparativos.

Implicações para a Clínica e para a Investigação

A principal conclusão que este estudo pode apresentar para a prática clínica, é a importância da Família como matriz de desenvolvimento psicossocial. Assim, a importância do estudo das Representações do *Self* e da Família, prende-se com a ideia base de que a família é como um “pano de fundo” para o desenvolvimento da criança e como tal terá uma influência determinante na forma como o indivíduo se percebe a si próprio e como percebe os outros.

Este estudo permite-nos refletir sobre a importância da intervenção com crianças ao nível da formação do *Self*. Assim, este tipo de intervenção deve promover o desenvolvimento do *Self*, nomeadamente com crianças que vivem em contextos de risco e de vulnerabilidade e por isso não dispõem de modelos relacionais estáveis. É fundamental, uma vez que não se pode negar a necessidade que estas crianças têm de intervenções precoces, que se intervenha antes da consolidação de modelos de funcionamento interno negativos do *Self* e dos cuidadores.

A presente investigação e os resultados encontrados permitem-nos também refletir sobre a importância das intervenções ao nível familiar, nomeadamente com famílias que vivem em contexto de risco e de vulnerabilidade. Uma vez que a família desempenha um papel essencial no desenvolvimento da criança, para que esta se possa desenvolver

de forma saudável e adaptativa é essencial que sejam promovidos fatores protetores junto das famílias que vivem nestes contextos.

No que se refere à investigação futura, uma vez que este foi o primeiro estudo finalizado (i.e., existem estudos a decorrer atualmente) que apresenta a aplicação deste instrumento na população portuguesa, ele pode abrir portas para futuras investigações. Parece-nos importante que futuras investigações se debrucem sobre os problemas de operacionalização que são levantados em algumas categorias do FAT, que não foram utilizadas no presente estudo.

A proposta de uma nova folha de cotação do *Desenho da Família* foi também um importante contributo para futuras investigações uma vez que se procurou melhorar as categorias de cotação deste instrumento.

Importa ainda referir que as categorias de análise do Desenho da Família, apesar de se terem revelado úteis, dispõem de vários aspectos qualitativos que podem dar lugar a uma folha de cotação mais detalhada. O mesmo se aplica ao FAT uma vez que, das categorias que estão em processo de investigação e de formulação, muitas levantam problemas de operacionalização, razão pela qual não foram integradas.

Referências

- Alarcão, M.(2006). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Aldgate, J., & Jones, D. (2006). The place of attachment in children's development. In J. Aldgate, D. Jones, W.Rose, & C. Jeffery (Eds.) *The Developing World of the Child*. (pp. 67-97). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Azam, A., & Hanif, R. (2001). Impact of parent's marital conflicts on parental attachment and social competence of adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, 8(2), 157-170.
- Breitman, S. & Porto, A. C. (2001). *Mediação Familiar: uma intervenção em busca da paz*. Porto Alegre: Criação Humana.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge: Havard University Press.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol. 2: Separation: Anxiety and anger. New York: Basic Books.
- Calheiros, M. M., Garrido, M. V., & Santos, S.V.(2012). *Crianças em Risco e Perigo: Contextos, Investigação e Intervenção*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Calil, V. L. L. (1987). *Terapia familiar e de casal*. São Paulo: Summus.
- Carmody, D. (2012). Self Representation in Children With and Without Spectrum Disorders. *Child Psychiatry & Human Development*, 43(2), 227-237.
- Carlson, E. A., & Egeland, B. (2004). The construction of experience: A longitudinal study of representation and behavior. *Child development*, 75(1), 66-83.
- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (n.d). *Promoção e Proteção dos Direitos das Crianças: guia de orientações para os profissionais da ação social na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de*

perigo. Consultado em <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.06.01> a 13 de Junho de 2014.

Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (n.d). *Sistema de Proteção Português*. Consultado em <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.06.01> a 13 de Junho de 2014.

Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (n.d). *Conceito de Risco/Perigo*. Consultado em <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.06.01> a 13 de Junho de 2014.

Corman, L. (1982). *Le test du dessin de famille*. Presses Universitaires de France.

Department of Health (2000). Framework for the assessment of the children in need and their families. London: The Stationery Office.

Dessen, M. A., & Polonia, A. D. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32

Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis* (No. 7). WW Norton & Company.

George, C., Herman, C. K., & Ostrander, R. (2006). The family environment and developmental psychopathology: The unique and interactive effects of depression, attention, and conduct problems. *Child Psychiatry & Human Development*, 37, 163-177.

Gray, J. (2001). The Framework for the Assessment of Children in Need and Their Families. *Child & Adolescent Mental Health*, 6(1), 4-10

Goldbeter-Merinfeld, E. (1998). A abordagem estrutural na terapia familiar. In M. Elkaïm (Org.). *Panorama das Terapias Familiares*, (Vol. 1, pp. 225-258). São Paulo: Summus.

Howe, D. (2005). *Child Abuse And Neglect: Attachment, Development And Intervention*. New York: Palgrave Macmillan Pages.

- Hutz, C.S. (2002). Situações de Risco e Vulnerabilidade na Infância e na Adolescência: Aspectos Teóricos e Estratégias de Intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kim, J., & Cicchetti, D. (2006). Longitudinal Trajectories of Self-System Processes and Depressive Symptoms Among Maltreated and Nonmaltreated Children. *Child Development*, 77(3), 624-639.
- Levy, K. N., Blatt, S. J., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and parental representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(2), 407.
- Macfie, J., Cicchetti, D., & Toth, S. L. (2001). The development of dissociation in maltreated preschool-aged children. *Development and Psychopathology*, 13(02), 233-254.
- Melo, A., & Alarcão, M. (2009). Centros de apoio familiar e aconselhamento parental: Proposta de um modelo global de organização. *Psicologia & Sociedade*, 21, 55-64.
- Mateo, C.M., Landazabal, M.G. (2009). *Test de Dibujo de dos figuras humanas*. TEA Ediciones, S.A., Madrid, Espanha.
- Minuchin, S. (1982). Famílias: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). Técnicas de Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). Terapia Familiar: conceitos e métodos, (7^a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144.
- Pesce, R., Assis, S., Santos, N., & Oliveira, R. (2004). Risco e Proteção: Em Busca de Um Equilíbrio Promotor de Resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 135-143.

- Ray, R.E. (2009). Cognitive and Neural Development of Individuated Self Reoresentation in Children. *Child Development*, 80(4), 1232-1242.
- Ross, L. T., & Hill, E. M. (2000). The family unpredictability scale: Reliability and validity. *Journal of Marriage and Family*, 62(2), 549-562.
- Santos, C. C. (2003). *Vinculação, Estudo e Aprendizagem*. Coimbra: Quarteto.
- Skowron, E. A., Kozlowski, J.M., & Pincus, A.L. (2010). Differentiation, self-other representations, and rupture-repair processes: Predicting Child maltreatment risk. *Journal Of Counseling Psychology*, 57(3), 304-316.
- Sroufe, L., Coffino, B., & Carlson, E. A. (2010). Conceptualizing the role of early experience: Lessons from the Minnesota longitudinal study. *Developmental Review*, 30(1), 36-51.
- Soares, I. (2007). *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento*. Psiquilíbrios.
- Soares, I. (Ed.) (2007). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Stadelmann, S., Perren, S., Von Wyl, A., & Von Klitzing, K. (2010). Associations between family relationships and symptoms/strengths at kindergarten age: what is the role of children's parental representations?. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(10), 996-1004.
- Stadelman, S. (2010). Parental Separation and Children's Behavioral/Emotional Problems: The Impact of Parental Representations and Family Conflict. *Family Process*, 49(1), 92-108.
- Sotile, W., Julian III, A., Henry, S., & Sotile, M. (1999). *Family Apperception Test: Manuel*. Centre de Psychologie Appliquée, Paris, France.
- Sullivan, HS. The interpersonal theory of psychiatry. New York: Norton; 1953.

- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., & Emde, R. N. (1997). Representations of self and other in the narratives of neglected, physically abused, and sexually abused preschoolers. *Development and Psychopathology*, 9(04), 781-796.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., MacFie, J., Maughan, A., & Vanmeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers. *Attachment & Human Development*, 2(3), 271-305.
- Walsh, F. (2003). Family resilience: Strengths forged through adversity. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (3^a Ed., pp. 399-423). USA: Guilford Press.
- Vianna, V., Silva, E., & Formigoni, M. (2007). Versão em português da Family Environment Scale: aplicação e validação. *Saúde Pública*, 41, 419-26.

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



REPRESENTAÇÕES DO *SELF* E DA FAMÍLIA

Estudo comparativo em crianças em contexto familiar normativo e em
contexto familiar de vulnerabilidade

APÊNDICES E ANEXOS

Maria Rita Canêlhas da Fonseca

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental
e Integrativa)**

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



REPRESENTAÇÕES DO *SELF* E DA FAMÍLIA

Estudo comparativo em crianças em contexto familiar normativo e em contexto familiar de vulnerabilidade

APÊNDICES E ANEXOS

Maria Rita Canêlhas da Fonseca

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)**

2014

Apêndices

Apêndice A – Desenho da Família (Questionamento)

Apêndice B – Pedido de Colaboração no Estudo

Apêndice C – Consentimento Informado

Apêndice D – Family Apperception Test (Categorias Complementares utilizadas na Investigação)

Apêndice E – Desenho da Família (Folha de Cotação)

Anexos

Anexo A – Apresentação dos Resultados Discriminados

APÊNDICES

*APÊNDICE A - Desenho da Família (Questionamento)*³

Instruções

1. Depois de explicar brevemente à criança que se vai pedir que faça um desenho e de a tranquilizar, se necessário, relativamente às suas aptidões para a tarefa, o examinador dá-lhe uma folha em branco e um lápis de carvão e diz:

“Imagina uma família e desenha-a”

O examinador deve estar atento ao processo de realização do desenho e ao seu produto final. Deve registar o lado da folha escolhido pela criança para iniciar o desenho e qual a ordem pela qual desenha cada personagem, bem como o tempo que leva a desenhá-la cada uma delas – No caso de a criança demorar significativamente mais tempo a desenhá-la uma ou mais figuras em particular, assinalar +, ++ ou +++ consoante a quantidade de tempo despendida. É importante também estar atento aos comportamentos verbais e não-verbais durante a prova e à sua eventual associação com personagens específicos. Além disto, o examinador deve estar atento, durante a realização, à força do traço da criança (se deixa marca para trás da folha, sobretraçados, etc.), e assinalar, já que este é um critério de cotação.

³ O questionamento utilizado faz parte de uma investigação mais ampla e, no presente estudo, foram considerados todos os dados recolhidos no questionário apresentado para avaliação do teste.

2. Terminado o desenho pede-se à criança para caracterizar as personagens: quem são, que idade têm.

a. Posto isto, é introduzido um momento de questionamento onde devem ser colocadas, pela ordem abaixo, as seguintes questões:

- Quem é o mais e menos bondoso da família e porquê?
- Quem é o mais e menos feliz e porquê?
- Quem é o mais triste ou quem chora mais e menos? Porquê?
- De quem a criança gosta mais e menos? Porquê?
- Qual o papel de cada um na família? Perguntar?
 - Quem põe a mesa?
 - Quem arruma a cozinha?
 - Quem castiga? Como castiga?
 - Quem trata da(s) criança(s)? – crianças pequenas – referir banho, vestir, etc.
Crianças mais velhas – quem ajuda nos trabalhos de casa?
- Situações
 - S1 – Organizar a festa de aniversário de um dos filhos. Quem faz o quê?
 - S2 – A televisão avariou. Quem resolve o assunto e como?
 - S3 – Dilema Moral – o Carro da família bate num carro parado a estacionar.
Como resolvem a situação?
- FIGURA DE IDENTIFICAÇÃO
 - “Se tu fizesses partes desta família quem serias tu?”
Ou
 - “Vamos fazer um jogo, vamos jogar a ser desta família. Qual destas pessoas é que tu queres ser?”

Após a escolha da personagem de identificação o examinador questiona a razão desta escolha.

No final, avaliar se a criança está satisfeita ou não com o desenho que produziu. Perguntar, por exemplo à criança se la fizesse um novo desenho se modificaria alguma coisa nele e o quê.

APÊNDICE B - Pedido de Colaboração no Estudo⁴

Exma. Sra. Diretora do Projeto Solsal

Dra. Alexandra Constantino

No âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, estou a realizar uma investigação cuja temática é a “Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade”. A investigação conta com a supervisão científica da Professora Doutora Isabel Narciso e da Professora Doutora Rosa Novo.

Pretende-se com esta investigação analisar e compreender, no contexto sociocultural português, indicadores de adaptação das crianças – designadamente, bem-estar emocional, padrões de vinculação e capacidades e dificuldades -, bem como potenciais fatores influentes nos padrões adaptativos e relacionais, comuns e diferenciais a duas situações não normativas de vulnerabilidade – sinalização e institucionalização.

O presente estudo contará com quatro amostras de crianças com idades compreendidas entre os 6 aos 12 anos - em situação de perigo sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens; em situação de acolhimento institucional; e em situação familiar normativa.

A participação no estudo é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para os intervenientes, podendo ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejarem. Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos e serão tratados de forma global e não individualizada.

A participação das crianças consistirá na resposta aos seguintes instrumentos de avaliação: FAT (*Family Apperception Test*); CECA-D; Desenho da Família; McArthur Story Stem Battery; Questionário de Dados Biográficos. A participação terá duração de cerca de duas sessões de 50 minutos (dependendo das características da criança).

A investigação na área da Psicologia contribui para um melhor conhecimento de determinadas populações e grupos com vista à estruturação de intervenções mais eficazes junto das mesmas.

Assim, pede-se a **colaboração** do Projeto Solsal no sentido de autorizar a recolha da amostra junto das crianças institucionalizadas.

A vossa **colaboração** no estudo é de extrema importância, constituindo um contributo fundamental para aprofundar o conhecimento sobre esta temática.

Para qualquer esclarecimento sobre a investigação poderá contactar a investigadora através do endereço de e-mail: amclbaptista@gmail.com. Poderá recorrer ao mesmo endereço eletrónico caso queira mais tarde obter informação sobre os resultados globais desta investigação.

Grata pela atenção dispensada,

Com os melhores Cumprimentos,

Andreia Baptista

⁴ O pedido de colaboração diz respeito a uma investigação mais ampla na qual o presente estudo se encontra inserido.

APÊNDICE C – Consentimento Informado

Consentimento Informado

A investigação para a qual apelamos à sua colaboração está a ser realizada pela psicóloga Andreia Baptista, no âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sobre a temática “Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade”. A investigação de doutoramento é orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso e pela Professora Doutora Rosa Novo da FPUL.

Pretende-se, com esta investigação, analisar e compreender, no contexto sociocultural português, indicadores de adaptação das crianças – designadamente, bem-estar emocional, padrões de vinculação e capacidades e dificuldades -, bem como potenciais fatores influentes nos padrões adaptativos e relacionais, comuns e diferenciais a duas situações não normativas de vulnerabilidade – sinalização e institucionalização.

A investigação na área da Psicologia contribui para um melhor conhecimento de determinadas populações e grupos com vista à estruturação de intervenções mais eficazes junto das mesmas. Assim, realçamos que a sua participação é de extrema importância, constituindo um contributo fundamental para aprofundar o conhecimento sobre esta temática para que no futuro se possa vir a prestar uma ajuda mais eficaz.

Solicitamos a sua autorização para a participação do(s) seu(s) filho(s)/menor(es) a seu cargo, caso tenha(m) idade(s) compreendida(s) entre os 6 e os 12 anos. A participação das crianças implica a gravação em áudio das duas sessões de aplicação do protocolo de investigação, as quais têm uma duração de cerca de 50 minutos.

A participação no estudo é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para a criança, podendo ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejar, sem que daí resulte qualquer prejuízo para si ou para o(s) seu(s) filho(s). Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos e serão tratados de forma global e não individualizada.

A participação nesta investigação implica a resposta a um conjunto de instrumentos de avaliação indispensáveis para atingir os objetivos da mesma.

Poderá esclarecer as suas dúvidas sobre a investigação quer no momento da sua participação quer através do endereço de e-mail: amclbaptista@gmail.com. Poderá recorrer ao mesmo endereço eletrónico, caso queira mais tarde obter informação sobre os resultados globais desta investigação

Grata pela sua atenção,

A investigadora,

Andreia Baptista

Nº ID: _____

Consentimento Informado

Para os devidos efeitos declaro que autorizo o(s) meu(s) filho(s)/)/menor(es) a meu cargo a participar na investigação no âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa com a temática “Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade”.

O Encarregado de Educação,

Data ____/____/____

APÊNDICE D - *Family Apperception Test* (Categorias Complementares utilizadas na Investigação)

Teste de Aperceção Familiar

OUTRAS CATEGORIAS⁵: Definições e Exemplos

CLIMA RELACIONAL

Relativo à percepção positiva vs. negativa das relações familiares e das relações entre outras personagens das narrativas. Em ambos os casos, o clima relacional pode ser categorizado como Positivo ou Negativo. Se a narrativa não permitir uma avaliação da positividade vs. negatividade do clima relacional, será codificado na categoria “Não se aplica” (em clima relacional familiar-não se aplica e em clima relacional com outros- não se aplica).

CLIMA RELACIONAL POSITIVO

Considera-se “clima relacional familiar positivo” ou “clima relacional positivo com outros” sempre que a narrativa revela predominantemente indicadores de positividade relacional – e.g., suporte emocional (validação, empatia, compreensão, preocupação/cuidado com as necessidades dos outros, apoio, disponibilidade/responsividade), confiança nos outros, coesão/união, expressão de afetos positivos, sentimentos positivos (e.g. alegria, bem-estar, tranquilidade) associados aos outros ou à relação, flexibilidade, cooperação, comunicação assertiva, resolução construtiva de conflitos.

CLIMA RELACIONAL NEGATIVO

Considera-se clima relacional familiar negativo ou clima relacional com outros sempre que a narrativa revela predominantemente indicadores de negatividade relacional – e.g., ausência de suporte emocional em situações em que tal seria esperado ou necessário (ausência de validação, de empatia, de compreensão, de preocupação/cuidado com as necessidades dos outros, de apoio, de disponibilidade/responsividade, etc.), desconfiança dos outros, distanciamento emocional, rigidez, rejeição, expressão de afetos negativos, sentimentos negativos (raiva, medo, aversão, tristeza) associados aos outros ou à relação, comunicação agressiva.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR

Codifica-se sempre que na narrativa há elementos relativos à qualidade da comunicação verbal na família. Se a narrativa não incluir interações familiares que permitam a avaliação da positividade vs. negatividade da comunicação verbal, será codificado na categoria “Não se aplica”.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR POSITIVA

Comunicação caracterizada por: expressão clara, aberta, direta e/ou adequada de pensamentos, opiniões e sentimentos; escuta ativa; expressões de afeto positivo na interação entre as personagens; reconhecimento explícito de erros; explicitação de elogios/agradecimentos; pedidos explícitos de ajuda.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR NEGATIVA

⁵ Categorias complementares às do Sistema Francês; categorias listadas na segunda parte da Folha de Cotação.

Comunicação caracterizada por: expressão indireta/camuflada, confusa, e/ou inadequada de pensamentos, opiniões e sentimentos; generalizações (e.g. “tu és sempre assim”, “nunca fazes nada direito”); críticas globais/vagas; sarcasmo/ironia; expressão verbal ofensiva/agressiva; escalada simétrica do conflito; acusações; paradoxos; não-escuta ou pseudo-escuta.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR - NÃO SE APLICA

Quando a narrativa não inclui interações familiares que permitam a avaliação da positividade vs. negatividade da comunicação verbal.

HIERARQUIA FAMILIAR

Relativo à funcionalidade vs. disfuncionalidade da hierarquia familiar. A hierarquia funcional, designada por congruente, implica que o subsistema parental esteja numa posição “superior”, liderando a família; a disfuncionalidade da hierarquia corresponde a um sistema familiar em que o sub-sistema parental está numa posição “inferior” e o sub-sistema filial numa posição “inferior” – hierarquia invertida.

HIERARQUIA FAMILIAR CONGRUENTE

As figuras parentais ocupam uma posição de liderança, com funções claras de controlo e/ou protecção dos filhos.

HIERARQUIA FAMILIAR INVERTIDA

Os filhos ocupam uma posição de liderança, assumindo o controlo ou a protecção dos pais sem que estes reponham a hierarquia congruente.

FRONTEIRAS

Refere-se a regras ou limites que permitem regular a passagem de informação entre a família e o meio e entre os diferentes subsistemas familiares. Definem quem participa e como nos subsistemas, e visam proteger a diferenciação do sistema, subsistemas e dos seus membros, regulando as interações e possibilitando um funcionamento eficaz. Se a narrativa não permitir uma avaliação do tipo de fronteiras familiares, será codificado na categoria “Não se aplica”.

FRONTEIRAS NÍTIDAS/RELAÇÕES EQUILIBRADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de diferenciação entre os subsistemas e/ou indivíduos, revelando uma distinção adequada ao nível das funções, regras claras, autonomia, interdependência e inter-influência entre os seus membros.

FRONTEIRAS DIFUSAS/RELAÇÕES EMARANHADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de: fraca diferenciação entre os subsistemas e/ou indivíduos, revelando funções indiferenciadas, regras inexistentes ou pouco claras, superenvolvimento, dependência, fraca autonomia e hiper-reactividade interpessoal entre os seus membros.

FRONTEIRAS RÍGIDAS/RELAÇÕES DESLIGADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de: excessivo/inadequado distanciamento emocional e/ou independência, inflexibilidade ao nível de funções e regras, fraca interação.

FRONTEIRAS - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da positividade vs. negatividade do clima relacional familiar.

REGULAÇÃO PARENTAL

Refere-se à adequação vs. inadequação das práticas parentais, ou seja comportamentos específicos das figuras parentais, com o objetivo de regular o comportamento dos filhos, e, ainda, à aceitação vs. não aceitação pelos filhos da regulação parental. Se a narrativa não permitir uma avaliação da adequação da regulação parental e da aceitação da regulação pelos filhos, será codificado, respetivamente, nas categorias “Regulação Parental – Não se Aplica” e “Aceitação da Regulação Parental – Não se Aplica”.

REGULAÇÃO PARENTAL ADEQUADA

Práticas parentais pautadas por: afeto positivo (suporte, atenção, disponibilidade, compreensão, expressões de afeto, tom emocional positivo, respostas adequadas às necessidades da criança); controlo comportamental indutivo (tentativa de conseguir a obediência voluntária da criança através do diálogo) e coercivo sem punição física (privação de objetos materiais ou de privilégios).

REGULAÇÃO PARENTAL INADEQUADA

Práticas parentais pautadas por: afeto negativo (hostilidade/agressão, indiferença/negligência); controlo comportamental coercivo com punição física; controlo psicológico (cognitivo - constrangimento da expressão verbal e individual do filho; emocional - retirada de amor e manipulação de sentimentos, tais como, indução de culpa, vergonha, ansiedade, desqualificação de sentimentos, etc.; e comportamental - exclusão da criança de influências e oportunidades externas que constituem pontos nodais do seu desenvolvimento social.

REGULAÇÃO PARENTAL – ACEITAÇÃO

Aceitação por parte da criança do comportamento regulador dos pais.

REGULAÇÃO PARENTAL – NÃO ACEITAÇÃO

Não aceitação por parte da criança do comportamento regulador dos pais.

REGULAÇÃO PARENTAL - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da adequação da regulação parental.

ACEITAÇÃO DA REGULAÇÃO PARENTAL - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da aceitação da regulação parental pelos filhos.

LEGIBILIDADE DA HISTÓRIA

Refere-se ao nível de clareza da narrativa que é transmitida.

HISTÓRIA CLARA

Quando as histórias são narradas de modo lógico e próximo do entendível ao nível do senso comum; identificação, mesmo que breve, dos personagens e das suas intenções, motivações, sentimentos ou comportamentos; hesitações ultrapassadas pela tomada de decisão sobre o curso da história.

HISTÓRIA CONFUSA

Quando há tendência geral à restrição associada a narrativa hermética; anonimato das personagens, conflitos ou motivos não expressos; instabilidade nas identificações, grandes hesitações sobre o sexo ou o papel dos personagens; representações muito contrastadas ou mudanças incompreensíveis no curso da história.

APÊNDICE E – Folha de Cotação do Desenho da Família

FOLHA DE COTAÇÃO DO DESENHO DA FAMÍLIA

Categoria Geral	Subcategoria	
1. DESENHO		
1.1 TIPO DE FAMÍLIA REPRESENTADA	Coincidente	
	Equivalente	
	Outra família ou outro tipo de família/ fig. não humanas	
1.2 FIGURAS DE IDENTIFICAÇÃO	Próprio	
	Identidade Próxima	
	Identidade Distante	
1.3 FIGURAS DESENHADAS	Ordem	Figura mais/menos valorizada
	1º	Mãe
	2º	Pai
	3º	Próprio
	4º	Outro
1.4 INVESTIMENTO DESENHO	Simplificado ou apressado	
	Adequado investimento	
	Significativo investimento	
1.5 PREOCUPAÇÕES COM O CENÁRIO	S/ cenário específico	
	Introdução de elementos alusivos à família ou vida familiar	
	Introdução de outros elementos (e.g., elementos da natureza ou paisagem)	
	Insistência no cenário	
2. NARRATIVA		
2.1 TIPO DE NARRATIVA	Simplificada	
	Investida	
2.2 PERCEÇÃO DOS ELEMENTOS DA FAMÍLIA	Pai: R. Positiva	
	Pai: R. Negativa	
	Pai: R. Neutra ou não Representado	
	Mãe: R. Positiva	
	Mãe: R. Negativa	
	Mãe: R. Neutra ou não Representado	
	Próprio/Fig Próxima: R. Positiva	
	Próprio/Fig Próxima: R. Negativa	
	Próprio/Fig Próxima: R. Negativa	
	Outro: R. Positiva	
	Outro: R. Negativa	
Outro: R. Neutra ou não Representado		
2.3 HIERARQUIA FAMILIAR	Congruente	
	Invertida	
2.4 CLIMA RELACIONAL	Proximidade	
	Distanciamento	
2.5 CLIMA FAMILIAR	Positivo	
	Negativo	

3. Sinais Críticos
Subcategoria
Traçado excessivamente tênue ou carregado e reforçado
Riscar ou transformar as personagens (e.g., em objetos, animais ou elementos do cenário)
Omitir membros/partes do corpo nas diversas personagens
Omitir membros/partes do corpo em personagens específicas
Desenhar família de elementos não-humanos
Desenhar figuras estranhas/grutescas
Contraste acentuado do tamanho das personagens
Contraste acentuado do tamanho dos membros do corpo
Transparências
Ênfase nas características sexuais
Instabilidade da identidade das personagens
Referência a maus-tratos

4. Síntese Apreciativa Global	
Categoria Geral	Subcategoria
4.1 PRODUÇÃO GRÁFICA	Adequada à Idade
	Inadequado á idade (imaturidade) e/ou outros sinais de conflito
4.2 CONTEÚDO DA NARRATIVA	Tendência Positiva (c/predomínio de atributos positivos ou valorização das personagens)
	Tendência Negativa (c/predomínio de críticas às personagens ou de elementos reveladores de insatisfação)
	Tendência Mista (coexistência de elementos positivos e negativos; descrições contrastadas das personagens)
	Tendência Neutra (descrições predominantemente anódinas das personagens)
4.3 TONALIDADE EMOCIONAL DOMINANTE	Positiva
	Negativa
	Neutra

ANEXOS

ANEXO A – Apresentação dos Resultados Discriminados

Tabela A.1

Categoria ‘Conflito Aparente’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva.

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Conflito Aparente (total)	3	11	6 (62%)	6.40 (2.33)	4	10	7 (62%)	7.00 (2.12)
Conflito Familiar	2	9	4 (62%)	4.40 (1.90)	2	7	4 (54%)	4.30 (1.89)
Conflito Conjugal	0	3	1 (77%)	1.00 (1.90)	0	4	1 (54%)	1.46 (1.05)
Outro tipo de Conflito	0	3	1 (62%)	1.10 (1.00)	0	3	1 (77%)	1.23 (0.93)
Ausência de Conflito	1	9	6 (62%)	5.40 (2.30)	2	8	5 (62%)	4.92 (1.98)

Nota. *FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Tabela A.2

Categoria ‘Resolução de Conflito’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva.

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Resolução (total)	3	11	6 (62%)	6.40 (2.36)	4	10	7 (54%)	6.90 (2.03)
Resolução Positiva	0	8	2 (62%)	3.00 (2.80)	2	8	5 (62%)	5.10 (1.90)
Resolução Negativa/ ou sem resolução	0	5	3 (54%)	3.31 (1.60)	0	5	1 (54%)	1.80 (1.48)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Tabela A.3

Tendência das Relações como Aliado ou Stressor nas Amostras CN e CV

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)		Amostra Normativa (N = 13)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Tendência Relações Aliadas	1	8%	1	8%
Tendência Relações Stressores	12	92%	12	92%

Tabela A.4

Categoria ‘Fronteiras’ nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Fronteiras (total)	2	9	5 (69%)	5.23 (2.24)	0	11	9 (92%)	7.38 (2.87)
Nítidas/Relações Equilibradas	0	5	2 (69%)	2.15 (1.90)	0	8	6 (62%)	5.69 (2.10)
Difusas/Relações Emaranhadas	0	3	0 (62%)	.69 (1.03)	0	2	0 (69%)	.46 (.78)
Rígidas/Relações Desligadas	0	8	2 (69%)	2.38 (2.26)	0	3	0 (54%)	.85 (1.14)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Tabela A.5

Categoria 'Regulação Parental e aceitação da Regulação' nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	Média (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Regulação Parental (total)	3	13	10 (54%)	9.08 (2.90)	4	16	10 (54%)	10.38 (3.57)
Adequada	0	5	2 (54%)	2.31 (1.88)	2	8	5 (69%)	4.92 (1.71)
Inadequada	1	8	3 (54%)	3.23 (2.20)	0	2	1 (85%)	.69 (.75)
Aceitação	1	5	2 (54%)	2.77 (1.40)	2	7	4 (69%)	3.92 (1.55)
Não Aceitação	0	2	1 (85%)	0.77 (.73)	0	3	1 (77%)	0,85 (.99)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Tabela A.6

Categoria 'Clima Relacional' nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Clima Relacional (total)	5	13	10 (69%)	9.23 (2.24)	4	12	9 (62%)	9.08 (2.02)
Familiar Positivo	0	8	3 (62%)	3.38 (2.40)	2	8	5 (54%)	5.00 (2.00)
Familiar Negativo	1	10	5 (69%)	4.38 (2.40)	2	5	3 (54%)	3.38 (1.04)
Outro Positivo	0	2	0 (69%)	0.46 (0.78)	0	1	0 (92%)	.08 (.28)
Outro Negativo	0	3	1 (69%)	1.00 (1.00)	0	2	1 (92%)	.69 (.63)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana

Tabela A.7

Categoria 'Maus Tratos' nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Maus Tratos (Total)	0	5	1 (69%)	1.23 (1.36)	0	1	0 (92%)	0.08 (.28)
Físicos	0	2	0 (54%)	.62 (.77)	0	1	0 (92%)	0.08 (.27)
Negligência	0	3	0 (62%)	.62 (.96)	0	0	0 (100%)	.00 (.00)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Tabela A.8

Categoria 'Respostas Invulgares' nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva.

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Respostas Invulgares	0	4	0 (62%)	1.00 (1.58)	0	1	0 (85%)	0.15 (.38)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Tabela A.9

Categoria 'Comunicação Verbal' nas amostras CN e CV: valores de frequência e estatística descritiva

	Amostra de Vulnerabilidade (N = 13)				Amostra Normativa (N = 13)			
	Min	Máx	Mdn (FAC)*	M (DP)	Min	Máx	Mdn (FAC)	M (DP)
Comunicação Verbal (total)	0	12	4 (54%)	4.15 (3.83)	0	9	5 (69%)	4.69 (2.50)
Aberta/Clara	0	7	1 (54%)	1.77 (2.78)	0	5	4 (77%)	3.31 (1.49)
Fechada/Confusa	0	9	1 (54%)	2.23 (2.77)	0	4	1 (62%)	1.38 (1.50)

Nota. FAC – Frequências Acumuladas até à mediana.

Tabela A.10

Tendência da Legibilidade da história na amostra CN e CV.

	Amostra de Vulnerabilidade (<i>N</i> = 13)		Amostra Normativa (<i>N</i> = 13)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Legibilidade Clara	12	92%	12	92%
Legibilidade Confusa	1	8%	1	8%

Tabela A.11

Categorias ‘Tendência à Representação do Conflito’ e ‘Sinais Críticos’ nas amostras CN e CV: valores de Frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Nº Total de Sinais Críticos					Total
			0	1	2	3	4	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência à Representação do Conflito	Não Representação do Conflito	2	2	3	0	1	8
		Representação do Conflito	1	2	1	1	0	5
		Total	3	4	4	1	1	13
Contexto Normativo	Tendência à Representação do Conflito	Não Representação do Conflito	3	2				5
		Representação do Conflito	8	0				8
		Total	11	2				13

Tabela A.12

Categorias ‘Tendência à Representação do Conflito’ e ‘Tonalidade Emocional Dominante Positiva’ nas amostras CN e CV: valores de Frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Tonalidade Emocional Dominante - Positiva		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência à Representação do Conflito	Não Representação do Conflito	5	3	8
		Representação do Conflito	4	1	5
		Total	9	4	13
Contexto Normativo	Tendência à Representação do Conflito	Não Representação do Conflito	0	5	5
		Representação do Conflito	1	7	8
		Total	1	12	13

Tabela A.13

Categorias ‘Tendência Dominante na Resolução Conflito’ e ‘Tonalidade Emocional Dominante Positiva’ nas amostras CN e CV: valores de Frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Tonalidade Emocional Dominante - Positiva		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência Dominante na Resolução Conflito	Tendência à Resolução Negativa	7	2	9
		Tendência à Resolução Positiva	2	2	4
		Total	9	4	13
Contexto Normativo	Tendência Dominante na Resolução Conflito	Tendência à Resolução Positiva	1	12	13
		Total	1	12	13

Tabela A.14

Categorias ‘Tendência Dominante na Resolução Conflito’ e ‘Produção Gráfica Adequada à Idade e Sinais Críticos’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Produção Gráfica Adequada à Idade e sem Sinais Críticos		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência Dominante na Resolução Conflito	Tendência à Resolução Negativa	7	2	9
		Tendência à Resolução Positiva	3	1	4
		Total	10	3	13
Contexto Normativo	Tendência Dominante na Resolução Conflito	Tendência à Resolução Positiva	2	11	13
		Total	2	11	13

Tabela A.15

Categorias ‘Tendência Dominante na Resolução Conflito’ e ‘Conteúdo da Narrativa Tendência Positiva’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Conteúdo da Narrativa - Tendência Positiva		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência Dominante na Resolução Conflito	Tendência à Resolução Negativa	7	2	9
		Tendência à Resolução Positiva	2	2	4
		Total	9	4	13
Contexto Normativo	Tendência Dominante na Resolução Conflito	Tendência à Resolução Positiva		13	13
		Total		13	13

Tabela A.16

Categorias ‘Respostas Invulgares’ e ‘Sinais críticos’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Sinais Críticos		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Vulnerabilidade	Respostas Invulgares - Presença ou Ausência	Ausência	2	6	8
		Presença	1	4	5
		Total	3	10	13
Contexto Normativo	Respostas Invulgares - Presença ou Ausência	Ausência	10	1	11
		Presença	2	0	2
		Total	12	1	13

Tabela A.17

Categorias ‘Tendência Clima Relacional’ e ‘Clima Relacional de Proximidade’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Clima Relacional de Proximidade		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência Clima Relacional	Negativo	9	0	9
		Positivo	1	3	4
		Total	10	3	13
Contexto Normativo	Tendência Clima Relacional	Negativo	0	6	6
		Positivo	0	7	7
		Total		13	13

Tabela A.18

Categorias ‘Tendência Clima Relacional’ e ‘Clima Relacional de Distanciamento’ nas amostras CN e CV: valores de frequência

Contexto a que pertencem os Participantes			Clima Relacional de Distanciamento		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência Clima Relacional	Negativo	0	9	9
		Positivo	3	1	4
		Total	3	10	13
Contexto Normativo	Tendência Clima Relacional	Negativo	6		6
		Positivo	7		7
		Total	13		13

Tabela A.19

Categorias: ‘Tendência da Tonalidade Emocional’ e ‘Tonalidade Emocional Dominante Positiva’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Tonalidade Emocional Dominante - Positiva		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência da Tonalidade Emocional	Negativa	9	4	13
		Total	9	4	13
Contexto Normativo	Tendência da Tonalidade Emocional	Negativa	0	12	12
		Positiva	1	0	1
		Total	1	12	13

Tabela A.20

Categorias ‘Tendência da Tonalidade Emocional’ e ‘Tonalidade Emocional Dominante Negativa’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

			Tonalidade Emocional Dominante - Negativa		Total
			Ausente	Presente	
Contexto de Risco	Tendência da Tonalidade Emocional	Negativa	7	6	13
		Total	7	6	13
Contexto Normativo	Tendência da Tonalidade Emocional	Negativa	12	0	12
		Positiva	1	0	1
		Total	13	0	13

Tabela A.21

Categorias ‘Tendência da Representação da Mãe’ e ‘Figura mais/menos Valorizada: Mãe’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Figura mais/menos Valorizada Mãe			Total
			Neutra	Menos Valorizada	Mais Valorizada	
Contexto de Vulnerabilidade	Tendência da Representação da Mãe	Tendência Representação como Aliado	0	0	1	1
		Tendência Representação como Stressor	7	2	3	12
		Total	7	2	4	13
Contexto Normativo	Tendência da Representação da Mãe	Tendência Representação como Aliado	1	2	0	3

	Tendência Representação como Stressor	5	3	2	10
	Total	6	5	2	13

Tabela A.22

Categorias ‘Tendência da Representação do Pai’ e ‘Figura mais/menos Valorizada: Pai’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Figura mais/menos Valorizada Pai			Total
			Neutra	Menos Valorizada	Mais Valorizada	
Contexto de Vulnerabi- lidade	Tendência da Representação do Pai	Tendência de Representação como Aliado	1	0	0	1
		Tendência de Representação como Stressor	8	1	3	12
		Total	9	1	3	13
Contexto Normativo	Tendência da Representação do Pai	Tendência de Representação como Aliado	0	0	1	1
		Tendência de Representação como Stressor	6	4	2	12
		Total	6	4	3	13

Tabela A.23

Categorias ‘Tendência da Representação do Outro’ e ‘Figura mais/menos Valorizada: Outro’ nas amostras CN e CV: valores de frequência.

Contexto a que pertencem os Participantes			Figura mais/menos Valorizada Outro			Total
			Neutra	Menos Valorizada	Mais Valorizada	
Contexto de Vulnerabi- lidade	Tendência da Representaçã o do Outro	Tendência de Representação como Aliado	0	0	1	1
		Tendência de Representação como Stressor	4	4	4	12
		Total	4	4	5	13
Contexto Normativo	Tendência da Representaçã o do Outro	Tendência de Representação como Aliado	0	1	0	1
		Tendência de Representação como Stressor	5	2	5	12
		Total	5	3	5	13